

REVISTA

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

conexão Literatura

Janeiro / 2019

nº 43

www.revistaconexaoliteratura.com.br



ROBERT E. HOWARD

CRIADOR DO CONAN E O PAI DO SUBGÊNERO DE ESPADA E FEITIÇARIA

**FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES**



SUMÁRIO

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 04
Robert E. Howard, por Rusty Burke, pág. 05
Livreria Conexão Literatura (Sugestões de livros), págs. 08 e 09
Resenha: Mogli - Entre Dois Mundos (Netflix - Série), por Rafael Botter, pág. 11
Clubes de Leitura, por Eudes Cruz, pág. 14
Entrevista com a autora Lara Emanuéli Neiva de Sousa (Escritora de Alma), pág. 22
Entrevista com o autor F. E. Jacob, pág. 28
Entrevista com o autor e org. Ademir Pascale, pág. 34
Conto: "O Caminho", por Míriam Santiago, pág. 39
Conto: "Quando um universo teve fim", por Roberto Schima, pág. 45
Saiba como anunciar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 98

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Rafael Botter - Colunista/Colaborador

Eudes Cruz - Colunista/Colaborador

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Capa: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição:
Míriam Santiago - Roberto Schima - SRomero Publisher

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe



Chegamos em nossa primeira edição do ano com Robert E. Howard em destaque. Era certo que Howard um dia estamparia uma das nossas capas, afinal ele foi o criador de Conan – O Bárbaro. Confesso que tenho dezenas de exemplares de Conan, coleção que iniciei na juventude. Infelizmente, como a maioria dos grandes escritores e gênios, Howard viveu pouquíssimo tempo: apenas 30 anos, mas deixou um legado para a eternidade. Saiba mais nas próximas linhas desta edição.

Contos, dicas de livros, entrevistas e matérias especiais aguardam por você, assim como uma entrevista que Sérgio Simka fez comigo, referente ao lançamento da obra “Possessão Alienígena” (Devir). E para os fãs de Edgar Allan Poe, nesse primeiro trimestre estarei lançando a obra “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe”, pela Editora Selo Jobem. Fiquem ligados sobre mais informações em nossas redes sociais.

Para divulgar o seu livro ou anunciar em nosso site e próxima edição, acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html



Adimir Pascale

Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar. Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Já publicou contos no Brasil, França, Portugal e México. Organizador e criador da obra “Possessão Alienígena” (Editora Devir), autor do romance “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe”, a ser lançado no primeiro trimestre de 2019 pela editora Selo Jovem. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas, heróis da Marvel, DC e HQs. E-mail: ademirpascale@gmail.com



conexão Literatura

Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

www.dragoeditorial.com

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

dose-of-poetry.blogspot.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

suka-p.blogspot.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

www.sugestoesdelivros.com

deusa1000.wixsite.com/leituracomcafe

www.encantoliterario.com.br

www.livreando.com.br

coleccionadoromances.blogspot.com.br

ateultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

www.estantedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

esoponovagao.blogspot.com.br

www.salaliteraria.com.br

www.cafeinaliteraria.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

viajandonossoslivross.blogspot.com.br

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura





Robert E. Howard (1906-1936) nasceu em 22 de janeiro (ou possivelmente em 24 de janeiro), na cidadezinha de Peaster, Texas, no condado de Parker, a oeste de Fort Worth.

Robert Ervin Howard está entre os grandes escritores de histórias de ação e aventura. O criador de Conan - O Bárbaro, Kull, Solomon Kane e muitos outros personagens memoráveis, Howard (conhecido como REH para seus milhares de fãs), teve uma carreira que durou pouco, apenas 12 anos, tendo escrito mais de cem histórias para as revistas de celulose de sua

época. Embora ele seja amplamente considerado o "pai da espada e feitiçaria" e o criador de Conan, o bárbaro, essa reputação tem sido uma espécie de espada de dois gumes. Robert E. Howard contribuiu com seu trabalho mais célebre para a revista *Weird Tales*. No entanto, suas histórias também apareceram em publicações tão diversas como *Histórias de Ação*, *Histórias de Luta*, *Histórias Orientais*, *Aventuras Picantes*, *Histórias Esportivas* e uma série de outras. Suas histórias foram um sucesso consistente com os leitores da época, mas isso não é algo surpreendente, pois ele criou

emocionantes e incríveis aventuras com personagens coloridos e bem reais. Ele era um contador de histórias consumado e dinâmico. Mesmo depois de sua morte, os editores continuaram por algum tempo a publicar suas histórias ou reimprimi-las sob outras linhas. Tão duradouro é o apelo de seu trabalho que, mais de meio século depois, ele continua a ganhar novos fãs, apresentados a seus contos através de livros de bolso, histórias em quadrinhos e filmes. Seu trabalho também inspirou gerações de escritores de fantasia e seguidores leais que foram ao ciberespaço para espalhar a palavra.

Opiniões sobre o estado de espírito de Howard variam muito, de "psicótico" e "edipiano" a sugestões de que ele era uma pessoa normal que sucumbiu ao estresse. Por seu próprio testemunho em cartas, bem como as declarações de seus amigos, sabemos que ele estava certamente sujeito a humores sombrios. Por outro lado, as memórias daqueles que o conheciam melhor, mostravam o que realmente pensavam sobre ele: que era um companheiro inteligente e afável. Se ocasionalmente ele era



excêntrico em suas roupas ou ações, pode ter sido como Novalyne Price disse a seu colega de quarto: “Ele está tentando dizer às pessoas que ele é escritor e que os escritores têm o direito de serem estranhos. Já que eles acham que ele é maluco, de qualquer forma, ele mostrará a eles o quão louco ele pode ser.” Essa atitude é refletida em algumas das cartas de Howard para Smith e Price. É interessante notar que a maior parte da especulação sobre a saúde mental de Howard vem de pessoas com pouca ou nenhuma qualificação nesta área. Uma pessoa qualificada, Charles Gramlich, professor de psicologia e fantasia, escreveu: “Não importa o quanto algumas

“pessoas pareçam pensar que Howard era louco, simplesmente não é. Chame-o de excêntrico e eu irei apoiar. Chame-o de louco do jeito que alguns de nós nos chamamos de loucos, e eu vou comprar uma briga. Mas ele não estava clinicamente perturbado... Na minha opinião, Howard não era mais maluco do que o resto de nós. Ele era apenas um ótimo escritor.”

Em 11 de junho de 1936, no período da manhã, depois de ficar sabendo que sua mãe provavelmente nunca sairia do estado de coma, Howard se suicidou. Sentou-se no banco da frente de seu carro e atirou em sua cabeça, tendo falecido oito horas depois. Sua mãe faleceu no dia seguinte.

Ambos compartilharam o mesmo funeral e estão enterrados no cemitério de Greenleaf, em Brownwood.

Foi encontrado em sua carteira um poema que Howard escreveu pouco antes de sua morte:

*Tudo fugiu - tudo está feito,
então levem-me à pira - O
banquete acabou, e as lâmpadas
expiram.*

(Estes versos fazem parte de um poema pouco conhecido chamado *The House Of Caesar* de Viola Garvin).

OBS: Na época de sua morte, Robert E. Howard vinha tecendo histórias de mitos e mistérios, dos quais apenas quatro se dedicavam à sua criação mais famosa, Conan. Ainda hoje, mais de 80 anos após sua morte, as aventuras do herói hiboriano e grande parte do trabalho de Howard perdura. Seu trabalho inspirou incontáveis imitações e foi traduzido não apenas em muitas outras línguas, mas também em outras mídias - quadrinhos, filmes, televisão. Depois disso, seguiram fã clubes e inúmeras publicações.

FONTE:

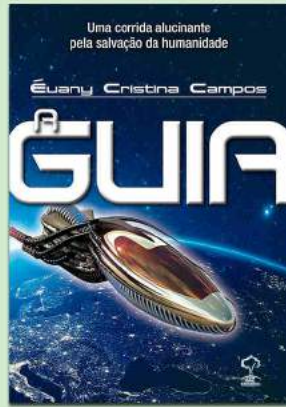
<http://www.rehfoundation.org/a-short-biography>
(Rusty Burke)

LIVRARIA CONEXÃO LITERATURA



Sonhos e Paixão
Sebastião Geraldo Ferreira

Acesse



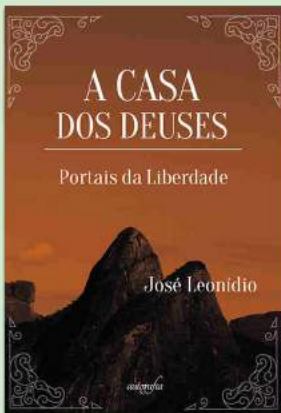
A Guia
Évany Cristina Campos

Acesse



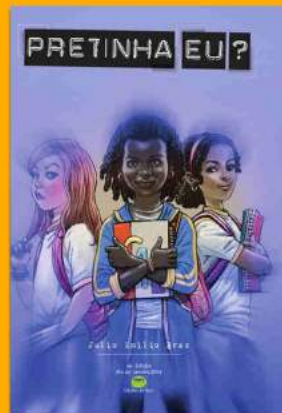
Os desafios de Amar
Lara Emanuelli Neiva de Sousa

Acesse



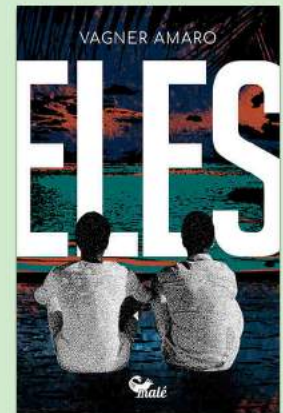
A Casa dos Deuses
José Leonídio

Acesse



Pretinha Eu?
Julio Emilio Braz

Acesse



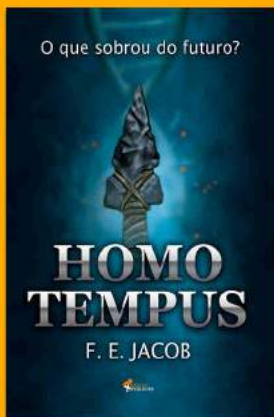
Eles
Wagner Amaro

Acesse

“A educação é o nosso passaporte para o futuro, pois, o amanhã pertence as pessoas que se preparam hoje.”
– Malcolm X

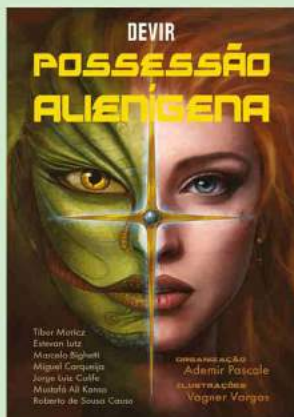
Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





Homo Tempus
F. E. Jacob

Acesse



Possessão Alienígena
Ademir Pascale (org)

Acesse



Câmera Lenta
Marília Garcia

Acesse



Pequenos Poemas em Prosa
Charles Baudelaire

Acesse



Anele - A Menina dos Olhos de Mundo
Renata di Carmo

Acesse



A Emoção Na Sala de Aula
Ana M. Matias Brasileiro

Acesse

“Pessoas quietas têm as mentes mais barulhentas.”
– Stephen Hawking

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





**ANUNCIE NA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA**

CLIQUE AQUI



NetFlix

MOGLI ENTRE DOIS MUNDOS

Por Rafael Botter

Criado por uma alcatéia em meio às florestas da Índia, Mogli (Rohan Chand) vive com os animais da selva e conta com a amizade do urso Baloo (Andy Serkis) e da pantera Bagheera (Christian Bale). Ele é aceito por todos os animais, exceto pelo temido tigre Shere Khan (Benedict Cumberbach). Quando Mogli se defronta com suas origens humanas, perigos maiores do que a rixa com Shere Khan podem surgir.

IMPRESSÕES:

Gradativamente, notamos uma evolução em filmes originais da

Netflix, mesmo com seus erros e acertos. Porém, o serviço de streaming acertou em cheio com uma super produção, trazendo uma releitura mais impactante da história de Mogli.

Vamos direto ao assunto e falar um pouco mais sobre o longa, que em pouco tempo recebeu inúmeras críticas positivas por profissionais especializados.

O longa narra a história de um menino abandonado, sendo criado em uma alcatéia, no meio da selva na Índia, tornando-se amigo dos lobos. Shere Khan, um tigre-de-bengala é contra ter um filhote de humano em meio aos animais, querendo por

direito devorar o bebê, assim como fez com os pais de Mogli.

Com o passar dos anos (estações na visão dos animais) o menino foi crescendo e percebendo que não era parecido com os seus irmãos lobos, sofrendo por toda essa situação, Mogli acaba ficando excluído dos demais animais.

Se você está esperando por uma história fofa, meiga e alegre, infelizmente o espectador não vai encontrar. O longa mostra uma versão mais sombria e assustadora do menino lobo.

Netflix surpreendeu com os efeitos visuais e computação

gráfica, uma verdadeira produção de Hollywood, criando todos os animais e até mesmo a selva, os espectadores vão se surpreender com toda fotografia e ambientação.

O enredo é outro destaque positivo de toda essa aventura, possuindo uma evolução gradativa de toda vida de Mogli, deixando um filme bem fluído e sem pontas soltas.

Se vale assistir? Sim! Se você já assistiu outras versões mais “leves” de Mogli, essa é a chance de o espectador conhecer um lado mais assombroso do menino lobo.

Título Original: Mowgli: Legend Of The Jungle
 Direção: Andy Serkis
 Lançamento: 07 de Dezembro de 2018
 Duração: 01h44min
 Elenco: Rohan Chand II, Andy Serkis, Benedict Cumberbatch, Christian Bale e Cate Blanchett
 Gênero: Aventura
 Origem: Estados Unidos

Rafael Botter vive em Ibitinga (São Paulo). Escreve para o blog [Livreando:](http://www.livreando.com.br)
<http://www.livreando.com.br> e [Traveling Between Pages:](http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br)
<http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br>. E-mail: botter.rafael@gmail.com.

LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess
sees the things we can't brush into place
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
say, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
I'm not sleeping."
the white door
dle
ll night.

Clubes de Leitura

por Eudes Cruz



Creio que uma forma de felicidade é a leitura.

Jorge Luis Borges
(escritor argentino)

Ler pode até ser um ato solitário, mas os leitores querem compartilhar suas impressões sobre as obras lidas. Os clubes de leitura tem se espalhado pelo país. Trata-se de um fenômeno que não é recente e que tem conquistado espaço. Em que pese que ainda temos um grande número de brasileiros que não tem acesso aos livros ou

se os tem não adquiriram o hábito da leitura, há muita gente lendo por aí. Os clubes de leitura são uma forma de reunir as pessoas depois dessa tarefa solitária.

Nos encontros é possível conversar sobre os livros, expor ideias, trocar experiências e reunir amigos.

A origem

Os clubes do livro podem parecer um movimento novo, mas eles existem desde o século XVIII, época em que grupos puritanos americanos reuniam-se para estudar o livro até hoje mais vendido no mundo, a Bíblia.

Havia ainda os aristocratas e burgueses da França, advindos do Iluminismo, que marcavam encontros nos palacetes para ler os livros e debater ideias. Os salões foram o centro da vida social e intelectual da sociedade daquela época. Entre os mais conhecidos figuraram os de Deshoulières, de Sablière, da condessa La Suze e o de Ninon de Lanclos. Tais salões eram um lugar em que imperava a tolerância, a irreverência e a diversidade, posto que acolhiam ateus, deístas e libertinos.

A dinâmica das relações entre os frequentadores, as leituras proibidas que faziam em público, a liberdade com que atuavam e a troca de livros e ideias, fizeram dos salões um

importante agente do Iluminismo.

Os salões tiveram grande importância na Revolução Francesa, da qual se origina uma das representações famosas expressadas na arte, mais precisamente em um quadro de Lemonnier (1734-1824). O quadro chama-se Leitura no Salão de M. me Geoffrin, 1755.

Em 1868, jornalistas mulheres foram impedidas de participar de um evento literário nos Estados Unidos. O motivo? Simplesmente por serem mulheres. Uma das jornalistas teve a iniciativa de criar um clube de mulheres, o Sorosis, que tinha por finalidade o estudo e a leitura. Naturalmente, o clube serviu de inspiração para outros tantos que surgiram por meio de associações femininas na segunda metade do século XIX.

Clubes de gente famosa

Oprah Winfrey, a mais famosa apresentadora americana tem

um clube do livro chamado Oprah's Book Club, que foi criado em seu programa no ano de 1996. Os convidados, incluindo o autor, dividem suas impressões pessoais sobre a obra. Dada a fama da líder do clube alguns títulos que passaram por lá tiveram suas vendas significativamente aumentadas. Veja-se como exemplo o primeiro livro escolhido por ela, “Nas Profundezas do Mar Sem Fim”, da escritora Jacquelyn Mitchard. De 100 mil cópias a venda subiu para 915 mil. Certamente, pela representatividade de Oprah, ela serviu de inspiração para muitos outros pequenos clubes de leitura que se espalham por aí.

A adorável Hermione Granger de Harry Potter, ou melhor, a atriz que interpretou a personagem, Emma Watson, tem um clube de leitura. Com formação em Literatura Inglesa a atriz criou por meio de uma plataforma seu clube de livro feminista. Por lá ela já indicou livros como *Só Garotos*, de Patti Smith e *Persépolis*, de Marjane Satrapi.

No universo virtual

Com o advento das redes sociais, há a possibilidade de muitos debates acontecerem de forma virtual, utilizando-se uma das redes disponíveis. Um exemplo disso é o grupo de Facebook denominado Devoradores de Livros, criado por Nazaré Siciliano.

Com mais de 6800 membros de todo o Brasil, no grupo os leitores postam suas impressões sobre as obras lidas, criam desafios de leitura que tem por objetivo falar de livros de gêneros diversos e tirar o leitor de sua zona de conforto, e compartilham todo tipo de informação em torno dos livros.

Para 2019, por exemplo, foi criado um desafio em que cada mês o leitor seleciona um dos três temas sugeridos, lê a obra com aquele tema e depois posta suas observações no grupo, o que permite com que outras pessoas interajam e também apresentem sua visão. Além disso, ao longo do ano,

subgrupos se formam para debater um livro de determinado gênero.

Um clube pelo whatsapp reúne 42 pessoas e lerá ao longo de 2019 as obras de Stephen King. Parceria entre dois instagrans literários (@seguelendo e @soterradaporlivros) o clube chamado Lendo King tem Karla Lima como uma das organizadoras. “Leremos obras do Stephen King em 2019, em ordem cronológica dos lançamentos”. O grupo faz o debate pelo aplicativo de mensagens “Debatemos a obra determinada para aquele mês, em um dia e horário determinado”, complementa Karla.

Clubes de Leitura Presenciais

Do grupo virtual Devoradores de Livros originou-se também o Clube de Leitura Devoradores de Livros que tem ações de membros em São Paulo e Rio de Janeiro.

Em São Paulo, o CLDL – como é chamado pelos integrantes –

debateu os livros Dom Casmurro (Machado de Assis), Não Durma (Michelle Harrison), A Mulher na Janela (A. J. Finn), Mãos Secas Com Apenas Duas Folhas (Paula Febbe), Eu Vejo Kate (Cláudia Lemes) e A Hora da Estrela (Clarice Lispector). Este último foi o livro que fechou o encontro dos leitores no ano de 2018, em evento realizado no Centro Cultural São Paulo. Pela seleção apresentada, nota-se claramente a diversidade de autores e estilos que o clube permite.

A escolha do livro a ser lido é feita pelos próprios participantes que, além de se comunicarem pela rede social, mantém contato por aplicativo de mensagem. Uma vez escolhida a obra, o grupo lê e marca uma data para que a reunião e o debate ocorra, o que pode ser feito em um parque, uma livraria, um centro cultural ou qualquer outro espaço que possa receber as pessoas dispostas a debater ideias e conversar sobre o que leram. O grupo não tem apoio de editoras, é independente.

Daniela Moraes, uma das integrantes comenta: “Participar do Clube de Leitura Devoradores do Livro é uma experiência muito gratificante e, confesso, por vezes desafiadora, pois faz com que eu saia da minha zona de conforto. Esse é um dos grandes méritos de um clube de leitura: provar que podemos sim nos desafiar a ler outros gêneros que, normalmente, não procuraríamos por conta própria. Sem contar que é maravilhoso poder debater com outras pessoas sobre o livro lido. A troca de experiência é muito enriquecedora, pois às vezes o outro teve uma percepção totalmente diferente da nossa e, quando conhecemos seu ponto de vista, podemos enxergar alguns aspectos da obra que, durante a leitura individual, passaram despercebidos”.

A troca de experiências vai para além das obras lidas. Os integrantes do grupo se confraternizam com troca de livros usados, sorteios de livros e brindes, além de estreitarem os laços de amizade. Eva Majzoub,

outra integrante do Clube de Leitura Devoradores de Livros reforça a importância da convivência com o grupo: “Não consigo me imaginar sem esse grupo tão especial.”

Outro clube de leitura conhecido em São Paulo é o Café Literário SP, que ocorre mensalmente, no último domingo de cada mês na Biblioteca Mário de Andrade localizada na região central da capital paulista e que tem como idealizadora e curadora a professora Janaína Soggia. As reuniões aconteciam na Casa das Rosas, que fica na Avenida Paulista, desde de 2016, mas em função da procura dos participantes a organizadora buscou um lugar maior.

A lista de livros que serão apresentados em 2019 está disponível na página do Facebook do Café Literário SP - <https://www.facebook.com/cafe-literariosp>. Entre os livros estão O Segundo Olhar (Mário Quintana), De Repente nas Profundezas do Bosque (Amós Oz), Bestiário (Júlio Cortázar),

Olhos D'Água (Conceição Evaristo) e o primeiro do ano será A Ciranda das Mulheres Sábias (Clarissa Pinkola Estés).

O Centro Cultural de São Paulo abriga o Clube de Leitura Leia Mulheres, um coletivo que tem por objetivo estimular o debate e a divulgação de livros que tenham sido escritos por mulheres. Criado em 2015 as organizadoras do projeto são Juliana Gomes, Juliana Leunroth e Michelle Henriques. O primeiro encontro de 2019 terá como tema o livro Jane Eyre, da britânica Charlotte Brontë. O romance foi publicado originalmente em 1847. Outras informações sobre o clube podem ser obtidas no site do Centro Cultural (<http://centrocultural.sp.gov.br/site/eventos/evento/leia-mulheres-clube-de-leitura/>).

Clubes de assinatura

Uma outra modalidade de clubes são aqueles por assinatura. O surgimento data de 1926 com o Book of Month, nos Estados

Unidos. Escritores ou críticos escolhiam uma lista de livros e os assinantes selecionavam o que gostariam de receber.

No Brasil também aconteceu algo parecido. O primeiro foi o Clube do Livro, que funcionou de 1943 até 1989 e foi criado por Mário Graciotti.

Em terras brasileiras também funcionou o Círculo do Livro, criado pela Editora Abril. A iniciativa teve início no ano de 1973 e continuou ativa até 1993.

Hoje alguns projetos similares existem no país. Basicamente o leitor faz a assinatura de uma das opções que a empresa disponibiliza e, mensalmente, recebe em sua residência uma caixa com livros e brindes. Alguns desses clubes optam pela curadoria de algum escritor ou escritora que indica o livro que é enviado aos assinantes no mês. Até algumas editoras apostaram nesse segmento e tem seu próprio clube de assinatura, como o Intrínsecos (da Editora Intrínseca).

Pode parecer que a graça do clube acaba por aí, mas não. Depois que os leitores recebem suas obras e efetivam a leitura, acabam também formando grupos presenciais ou discutindo por meio das redes sociais os livros que leram.

Com diferentes formas de atuação e de decidir o livro que será enviado, cabe ao leitor pesquisar os clubes de assinatura disponíveis e ver aquele que melhor atenda sua necessidade. Inclusive, existem clubes de assinatura especializados para o público infantil, o que é uma excelente forma de estímulo à formação de novos leitores.

Clube de leitura nos presídios

Em maio de 2018 a Revista Galileu publicou reportagem

sobre clube de leituras realizados em presídios, nos quais, segundo a matéria, a média de livros lidos no ano chega a 12, contra 4,96 da média geral (dado da Pesquisa Retratos da Leitura 2016).

O Conselho Nacional de Justiça incentiva a leitura, porque a cada livro lido pelos presidiários a pena é diminuída em quatro dias, ou seja, com a leitura de um livro por mês os presos podem reduzir a pena em até 48 dias no ano.

Iniciativas como essas também acabam por formar um público leitor que antes não tinha o hábito da leitura e resgatam a autoestima de quem se vê longe da sociedade. Como dizia José Saramago: “A leitura é, provavelmente, uma outra maneira de estar em um lugar”.

Eudes Cruz é paulistano. Gestor de processos atuou como coordenador de desenvolvimento de produtos. É apaixonado por livros desde a infância e se aventura por todos os gêneros literários, embora tenha predileção por suspense, terror e policial. Adora animais e reside na capital paulista. Blog: tomoliterario.blogspot.com.br. E-mail: tomoliterario@gmail.com.

LIMBOGRAPHIA

por Roberto Schima



Vinte contos de ficção científica e fantasia em sua maior parte, entre os quais a história "Como a Neve de Maio", vencedora do Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record).

Olhe lá fora. A noite caiu e as estrelas continuam a brilhar no céu como antigamente, embora já não tão nítidas. Aparentam estar ao alcance de nossas mãos. Está vendo?

Existe o silêncio. Existe o mistério.

Existe o sonho.

Respiremos fundo o ar frio e úmido:

Fechemos bem os olhos e, com toda a paixão...

Ergamos os braços.

Roberto Schima

Nasceu na cidade de São Paulo/SP em 01/02/1961. É neto de japoneses, por mais que o seu sobrenome pareça alemão. Faz ilustrações, escreve contos e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limboграфия" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37, de Julho de 2018.

Informações: Google e sites do gênero.

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



Para obter o livro (edição em papel - com ou sem capa dura - ou digital):

<https://www.clubedeautores.com.br>

<https://www.agbook.com.br>

LARA EMANUELI NEIVA DE SOUSA (ESCRITORA DE ALMA)

Autora do livro
"Os Desafios de Amar"

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



Lara Emanuelli Neiva de Sousa é natural de Picos (PI) e, atualmente, reside em Teresina (PI). Formou-se em Bacharelado em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Como enfermeira assistencial, teve a experiência de trabalhar no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e no Hospital Psiquiátrico, ambos serviços de saúde mental existentes no Estado do Piauí. Trabalha, atualmente, como referência técnica da Gerência de Atenção à Saúde Mental da Secretaria de Estado da Saúde do Piauí (SESAPI). Como escritora, inicia em 2018 sua carreira publicando na internet crônicas que desvendam os retratos da vida humana, capazes de tocar a alma das pessoas, com pseudônimo Escritora de Alma. Além de publicar seu primeiro romance intitulado "Os desafios de amar", um enredo romântico sobre almas afins.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Lara Emanuelli Neiva de Sousa: A leitura e escrita sempre foram presentes na minha vida, contudo, apenas quando estava

na universidade elas ganharam uma dimensão mais ampla em minha vida. Inicialmente com textos de natureza acadêmica e científica, em seguida, comecei a rascunhar crônicas, poemas e por fim um esboço de um futuro romance. Esses rascunhos não ultrapassavam o papel de

rascunhos feitos nos momentos livres de uma estudante de enfermagem. Após conhecer o romance “O amor nunca diz adeus, do autor Amadeu Ribeiro, foi bastante encorajador e os rascunhos começaram a ocupar outro papel. Em 2017 finalizei o meu romance e encaminhei para a Editora Viseu permitindo o sonho se tornar realidade, o enredo romântico “Os desafios de amar” poderia adentrar os lares brasileiros. Paralelo a concretização deste sonho, em 2018 resolvi publicizar minhas crônicas, poemas e mensagens advindas da minha veia poética, através da Escritora de Alma, presente nas redes sociais (facebook e instagram). E assim foi meu ingresso no mundo literário.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Os Desafios de Amar”. Poderia comentar?

Lara Emanuelli Neiva de Sousa: O enredo romântico descreve sobre almas afins, uma vez que entendo que o encontro destas tem como foco principal a



afinidade entre elas e não a aparência física. O romance “Os Desafios de Amar” retrata experiências terrenas de duas almas que foram agraciadas pelo Criador com o elo do amor. Inicialmente, a história acontece no século XIX, em Paris, com os espíritos na roupagem de Clair e Klaus. Tratando-se de almas gêmeas, o Criador possibilita outro encontro entre essas almas em uma nova roupagem, durante o século XX, em São Paulo, como Laura e Erick. Essas almas se reencontram em um cenário nada romântico: o hospital

psiquiátrico, importante local para o resgate de dívidas de Laura e Erick, e possibilita minimizar o sofrimento das pessoas ditas insanas.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Lara Emanuelli Neiva de Sousa: As minhas pesquisas sobre os temas almas afins, cuidado em saúde mental, vieram de livros e artigos científicos, autores como Zíbia Gasparetto e pesquisadores da luta antimanicomial foram os alicerces.

O romance foi escrito em um período de um ano, ou seja, durante o ano de 2017.

Foram dozes meses mergulhando no mar da literatura, em paralelo a intensa rotina de uma enfermeira que atua no campo da atenção psicossocial.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Lara Emanuelli Neiva de Sousa: O romance inteiro é marcado por momentos marcantes, singelo, mas capaz de marcar a alma do leitor. Entretanto, a passagem do romance mais marcante foi o reencontro dos protagonistas (Laura e Erick) em um avião após anos separados.

Recordo que quando estava escrevendo, estava ouvindo música citada no romance “Suerte” de Jason Mraz e Ximena, cada palavra que emergia naquele momento, fez uma lágrima percorrer minha face, a inspiração percorria por veias e artérias do meu corpo, foi um momento emocionante. Era uma cena simples, contudo, percebi naquele instante que a essência do romance estava na simplicidade, um perfume que enobrece nossa alma. Acredito que consegui retratar isso nesta parte do romance.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Lara Emanuelli Neiva de Sousa:
 O romance pode ser adquirido no formato impresso e eletrônico. A versão impressa pode ser adquirida por meio dos sites da Editora Viseu; Lojas Americanas; Submarino; Shoptime; Amazon. Já a versão eletrônica (e-book) pode ser encontrada nos sites da Amazon; Livraria Cultura; Saraiva; Casa del Libro; Barnes & Nobel; Kobo; Wook; Apple.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Lara Emanuelli Neiva de Sousa:
 No mundo acadêmico continuo escrevendo e publicando artigos científicos, capítulos de livros, ampliando a produção técnica no campo da psiquiatria/saúde mental. Assim, no primeiro semestre de 2019 já serão publicados dois capítulos de livros sobre saúde mental no contexto hospitalar e judiciário e um livro sobre gestão da saúde mental no âmbito do Sistema Único de Saúde. No mundo da literatura continuo publicando periodicamente crônicas,

poemas e divulgando o meu primeiro romance. No ano que vem estarei publicando outro romance, na realidade estou reescrevendo uma história de amor vivida no meu Estado, transportando-a para a literatura. Além desse projeto, caminha em paralelo um próximo volume do enredo “Os Desafios de Amar”, descrevendo a continuidade da história de Erick e Laura.

Perguntas rápidas:

Um livro: O amor nunca diz adeus

Um (a) autor (a): Zibia Gasparetto

Um ator ou atriz: Eduardo Moscovis

Um filme: O melhor de mim

Um dia especial: Colação de grau, o dia que me tornei bacharel em enfermagem

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

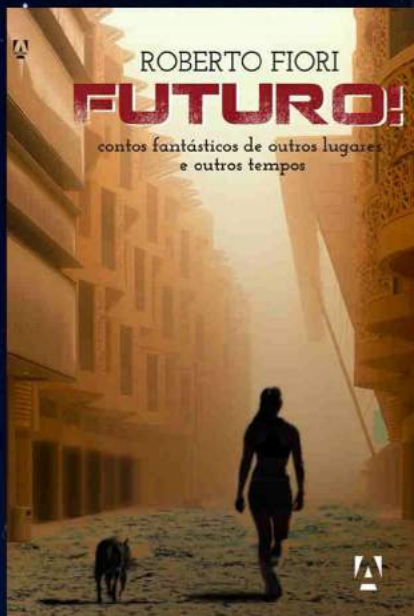
Lara Emanuelli Neiva de Sousa:
 Na oportunidade quero deixar uma mensagem de

agradecimento. Agradecimento à espiritualidade por conceder este momento, as inspirações, tudo o que estou vivendo desde a construção do romance e publicização do meu trabalho literário. Um agradecimento especial para os leitores, afinal é um enorme privilégio e saibam que me importo em saber quem são vocês. Gradativamente fui conhecendo vocês, que são seres humanos que deixam a magia, o poder, o mistério e o

encantamento das palavras invadirem o mais íntimo do seu ser. Sinto-me bastante lisonjeada por tê-los como interlocutores reais e potenciais, pois sem vocês não haveria motivos para dedicar a uma das paixões de minha vida, escrever.

Para finalizar agradeço a Editora Viseu e Revista Conexão Literatura e parabênizo pelo excelente trabalho que executam.

Para adquirir o livro, acesse: <https://www.eviseu.com/pt/livros/380/os-desafios-de-amar>



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

para adquirir
[clique aqui]

F. E. JACOB

**Autor do livro
"Homo Tempus"**

**Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com**



F.E. Jacob nasceu no “pré-histórico” 1978, é Engenheiro de Produção pela Universidade Federal de Viçosa e Mestre em Política Econômica pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Desde criança, já lia tanto quanto um Neandertal comia, deglutindo qualquer livro, artigo ou revista em quadrinho que lhe passasse debaixo do nariz, se tornando um adulto superantenado com as questões da sociedade atual. Se declara um “nerd genérico” viciado em informação, lendo tudo sobre sociedades antigas, economia, física, ciência política, psicologia, biologia e qualquer outra área do conhecimento humano. Estima possuir 3,22% de DNA neandertal, o que talvez explique o seu grande apetite por conhecimento.

Um dia ao acordar percebeu que a única atividade que lhe daria espaço para usar o conhecimento de tantas áreas diferentes seria a literatura, que sempre esteve ao seu lado como uma companheira paciente e silenciosa aguardando a sua decisão de encarar o desafio de escrever profissionalmente. Assim, agora ele estreia no universo literário com Homo tempus.

ENTREVISTA:

Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

F.E JACOB: Sempre li muito, qualquer coisa que tivesse

oportunidade. Uma vez quando eu era criança fiquei tão entretido em um depósito de jornais velhos na casa de um tio lendo os quadrinhos que meus pais se esqueceram que eu

estava com eles e foram embora sem mim. Detalhe que ele morava em outra cidade. Assim, também desenvolvi desde muito jovem a habilidade para escrever bem, embora ainda não soubesse como aproveitá-la. Depois de algum tempo, percebi que essa habilidade era ótima para ser aprovado em vestibulares e concursos, e me dediquei a carreira acadêmica, como geralmente um universitário faz nessa idade. Nesse meio tempo, quando eu tinha lá meus 20 anos, cheguei a participar de um concurso de contos e ficar entre os premiados publicados, mas não tinha a menor noção de como funcionava esse mercado e continuei mais preocupado em me preparar para o mercado de trabalho.

Sempre soube que era meio nerd, mas mais recentemente, já estável na minha atividade, percebi que existem vários tipos de nerd, como o que sabe tudo de computador, o que sabe tudo de quadrinhos, o que sabe tudo de física, etc e descobri-me como um “nerd genérico”: sou viciado

em informação, leio sobre qualquer assunto, sociedades antigas, psicologia, economia, física, ciência política, biologia, revista em quadrinhos, tudo me interessa. Embora não me aprofunde tanto em nada, já que meu dia tem 24 horas como o de qualquer outro nerd.

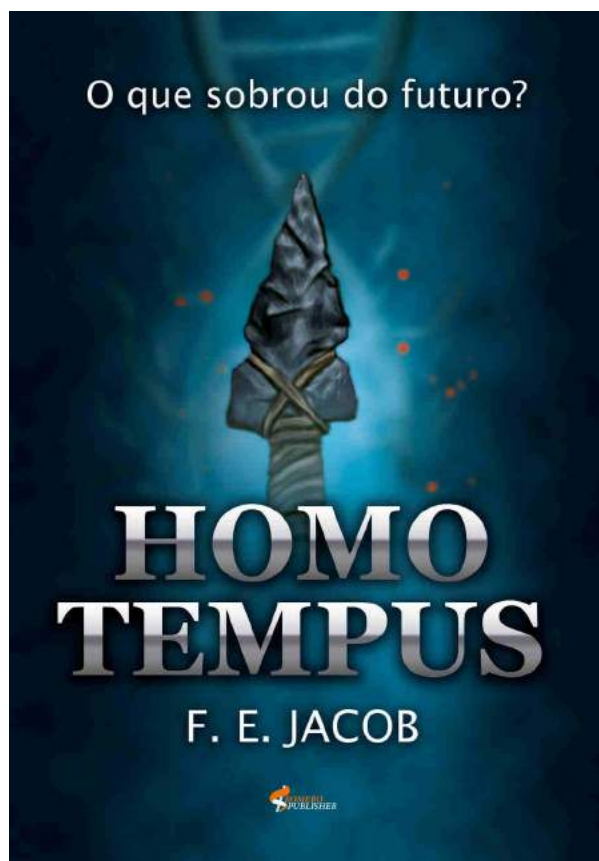
Foi quando tive o “clique” que a única profissão que me daria espaço para usar o conhecimento de tantas áreas diferentes seria a literatura, que sempre me acompanhou como uma companheira paciente e silenciosa. Assim, resolvi mergulhar em mais um universo: li dezenas de livros sobre técnicas de escrita entrei em diversos fóruns e grupos de internet sobre o assunto até achar que estivesse em condições de encarar o desafio de escrever profissionalmente.

Foi nesse interim que acabei por conhecer a minha agente literária.

Você é autor do livro “Homo tempus” (SRomero Publisher). Poderia comentar?

F.E JACOB: A premissa principal do livro é algo que acho que as gerações antigas viam com naturalidade, mas me parece meio esquecido nos dias de hoje: todos nós fazemos parte de um grande fluxo da humanidade. Foram as ações de todos os nossos ancestrais que nos permitiram estar aqui hoje, da mesma forma, as nossas decisões vão influenciar a vida dos que ainda nem nasceram. Para falar disso, uso de tecnologias futuristas até neandertais.

O personagem principal é um jovem comum para os nossos dias, incapaz de perceber a própria inadequação entre ele e o mundo a sua volta. No decorrer da estória ele acaba cometendo vários erros e “apanhando” bastante até entender essa lição.



Embora haja várias reviravoltas e mudanças de cenário, uma discussão se mantém durante toda a narrativa: o que é universalmente humano e o que não é; principalmente o que está na segunda categoria, mas nos cega, nos impedindo de dar a devida importância ao que está na primeira. O objetivo principal é discutir a direção que

podemos estar tomando, mas que ainda nem percebemos.

O livro é escrito de forma muito fluida, cheio de cenas de ação com descrições rápidas e diálogos curtos, quase como se fosse um filme passando em tempo real na mente do leitor, de forma que as ideias que apresento para discussão são passadas de forma as vezes explícita, as vezes sutil e outras vezes de forma simbólica. Acho

que essa é a forma mais adequada para se escrever nos dias de hoje, em que somos o tempo todo bombardeados por tanta informação rápida.

Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

F.E JACOB: Eu utilizei um gigantesco arcabouço técnico para escrever essa estória, mas a maioria são assuntos que eu já estudava em maior ou menor grau, por hobby. De filosofia política à psicologia jungiana. Usei até mesmo conhecimentos de plantas industriais que aprendi quando projetava indústrias Brasil afora, na descrição de alguns cenários.

Assim, o fato de eu sempre ter lido muito mais não ficção do que ficção (nunca li Senhor dos Anéis ou Harry Potter, espero que ninguém fique decepcionado comigo por isso), acabou me ajudando como eu não esperava, então acho que posso dizer que a pesquisa começou muito antes da decisão de escrever o livro, algumas

décadas atrás. Acredito que se me perguntassem as referências para o trabalho chegaria facilmente a uns 30 livros, sem contar os documentários técnicos, em que também sou viciado.

Claro que depois que resolvi escrever tive que me aprofundar na maioria dos assuntos e ler mais algumas dezenas de livros. Passei a estudar também sobre técnicas de narração e escrita literária, mais um assunto novo que me apaixonei.

Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

F.E JACOB: É muito difícil escolher um trecho, porque escrevi justamente com a intenção de que a totalidade da estória fosse maior que a soma das partes.

O mais especial da narrativa é sempre a imprevisibilidade da cena seguinte, mas como no final tudo se reconecta. Acho que citar algum trecho seria dar spoiler, e eu odeio spoilers... rrsrrs

O que posso dizer é que eu apresento algumas citações de personalidades que admiro (Theodore Dalrymple, Carl Jung, C. K. Chesterton, Roger Scruton, etc), que ilustram com perfeição o que quero dizer com a parte que vem em seguida. Convido até o leitor para quando terminar cada parte, reler a citação introdutória a ela para conferir.

Além disso, em todas as partes os personagens possuem falas que condensam a vivência ou pensamento deles, mostrando a generalidade de uma situação específica, como “As pessoas muitas vezes precisam de armas para se defender, mas não precisam delas para matar.” ou “Como alguém que não tem noção do próprio passado pode ser capaz de pensar o seu futuro?”

Como o leitor interessado deverá proceder para saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

F.E JACOB: No final do livro existe um posfácio onde indico

outras fontes de informação para saber mais sobre alguns assuntos que abordo no livro. Muito do material de referencial técnico que precisei utilizar foge ao conhecimento rotineiro da maioria das pessoas, então achei importante deixar esse conhecimento disponível para o leitor para dar credibilidade à estória, que tem mais de realidade do que parece à primeira vista. Já para saber mais sobre mim, faço questão de manter um canal direto com o público, por meio das redes sociais e e-mail. Além disso, já temos uma programação de eventos de que estarei participando para criar o vínculo com o leitor. Nada é mais importante para um escritor, ainda mais iniciante, do que receber o retorno das pessoas.

Existem novos projetos em pauta?

F.E JACOB: Eu até tenho algumas ideias em mente, mas nesse momento a agenda com o Homo tempus me impede de começar a trabalhar em novos

projetos, pois estamos com uma série de eventos agendados, entre noites de autógrafo, seminários e palestras. Então vai demorar um pouco para sair, pois para tudo que escrevo faço questão de uma pesquisa profunda e muita dedicação. Não quero correr o risco de apresentar um trabalho parecido com alguma coisa já escrita, nem sequer com o que eu mesmo já escrevi. Nada de linha de produção. E olha que eu sou Engenheiro de Produção...rsrs Mas acho importante falar que sou o tipo de autor que escreve com intenção de agradar aos leitores, então as manifestações que eu receber em relação ao “Homo tempus” vão ser muito importantes para decidir qual

dos trabalhos em que tenho pensado devo priorizar.

Perguntas rápidas:

Um livro: O homem e seus Símbolos – Carl Jung.

Um (a) autor (a): Pode ser três? George Orwell, Aldous Huxley e Ayn Rand. Os maiores autores de distopia da história.

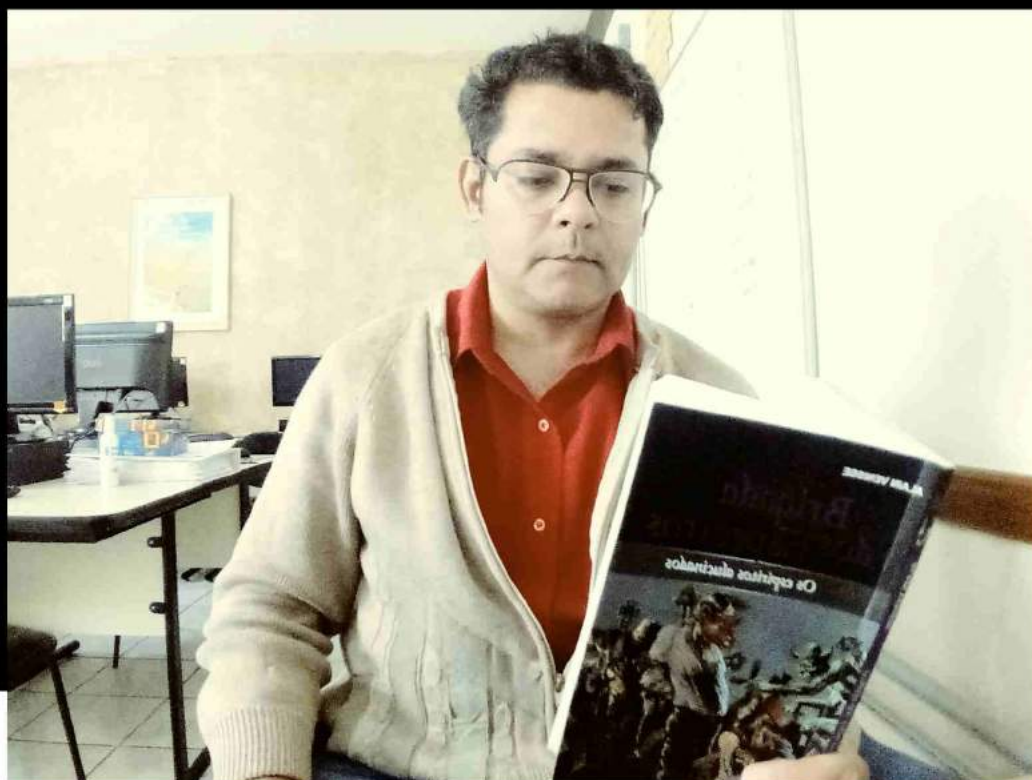
Um ator ou atriz: Arnold Schwarzenegger. A história de vida dele é inspiradora.

Um filme: Matrix para mim vai ser sempre um clássico. Equilibrar tantos conceitos filosóficos com uma história de ação daquela forma é coisa de mestre.

Um dia especial: O dia que nascemos, todo o resto é consequência.

ADEMIR PASCALE

Org. do livro
"Possessao
Alienígena"



Por Sérgio Simka

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural. Criador e editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler da Academia Brasileira de Escritores (Abresc), título entregue por seu trabalho na disseminação da literatura e cultura. Participou em vários livros, tendo contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. cursou Direção de Audiovisual, na escola Educine, tendo como professores Cao Hamburger (Castelo Rá-tim-bum), Toni Venturi (Filme Cabra-Cega), Tata Amaral (Filme e minissérie Antônia, Rede Globo), Lina Chamie (Filme Tônica Dominante) e Fernando Bonassi (Roteirista dos filmes: Cazuza - O tempo não para, Carandiru e Cabra-Cega).

Pascale é regularmente consultado e convidado para entrevistas e matérias sobre o escritor norte-americano Edgar Allan Poe, sendo o trabalho mais recente publicado em documentário no site da Saraiva Conteúdo (Para Ler... Edgar Allan Poe) e no programa Trilha de Letras, apresentado pelo escritor Raphael Montes, na TV Brasil, onde comenta sobre a criação da revista Conexão Literatura, é fã dos heróis da Marvel, ama pizza, séries televisivas, moedas antigas e HQs. Em breve lançará o seu novo romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe", pela Editora Selo Jovem.

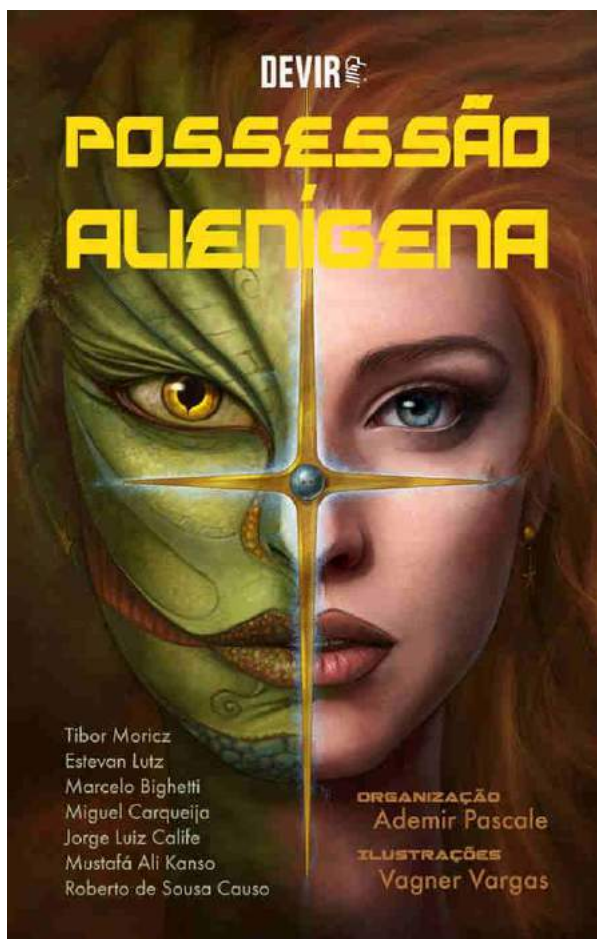
ENTREVISTA:

Fale nos sobre o livro.

Claro. Sou apaixonado por HQs e grande parte da minha coleção

são de títulos da Editora Devir (www.devir.com.br), que sempre tratou muito bem de suas publicações (me refiro ao

material impresso). Participei de dezenas de livros, sendo como coautor, prefaciador, autor e editor. Mas sempre tive em mente uma publicação minha na Devir. Pois bem, criei em 2013 o tema e o título “Possessão Alienígena” e fiz o convite para alguns autores que já publicaram e escrevem ativamente histórias de ficção científica. Sendo eles: Tibor Moricz, Marcelo Bighetti, Roberto de Sousa Causo, Estevan Lutz, Miguel Carqueija, Jorge Luiz Calife e Mustafá Ali Kansa, que faleceu recentemente. Convidei o artista Vagner Vargas (<http://vagnervargas.com.br>) para ilustrar a capa e fazer ilustrações internas que antecedem os contos. Eu também cuidei do prefácio e da sinopse. Esse processo de reunir



os contos e obter as ilustrações demorou mais de um ano. Com esse material pronto, entrei em contato com o editor da Devir, Douglas Quinta Reis e depois de

alguns meses marcamos uma reunião e acertamos a publicação, assim como o contrato. Infelizmente a publicação demorou mais do que eu esperava e em 2017 o editor Douglas faleceu, uma grande perda para o meio literário. Outro editor assumiu o seu

lugar e foi mais um ano de espera para começarmos a acertar novamente a publicação. O livro ficou excepcionalmente bom e já está em pré-venda: <https://www.amazon.com.br/dp/8575326678>

Como vê o mercado editorial, principalmente o de terror?

As redes sociais e o crescimento da tecnologia facilitaram muito a entrada de novos autores no mercado editorial, isso para quem publica qualquer gênero, pois hoje muitas plataformas facilitam a publicação, principalmente a Amazon KDP, Wattpad e Clube de Autores. Muitas editoras pequenas abrem edital para publicação e anunciam como “Publicação Tradicional”, o autor manda o original e recebe uma resposta que a obra foi aprovada, mas que terá que adquirir x quantidade de livros, tendo que pagar um mês depois. Não acho isso legal, publicação tradicional cabe à editora publicar e pagar os direitos autorais ao autor. Não tenho nada contra editoras que cobram para publicar, mas todas precisam deixar isso bem claro quando anunciam que estão recebendo originais para avaliação.

Já no gênero terror, alguns autores estão despontando, como o Aislan Coulter, que vem publicando histórias de terror diversificadas e não ficando

apenas num mesmo tema, como zumbis ou vampiros, que também são superlegais, claro, mas é preciso diversificar, assim como Stephen King faz em suas obras.

Conte-nos como é o seu trabalho de editor na revista Conexão Literatura.

Adoro o que faço e isso ajuda muito, pois não é um trabalho tão fácil.

Recebo muitos e-mails de autores independentes, editoras e principalmente de assessores de imprensa. Acredito que hoje praticamente todos os assessores enviam e-mails para nós com notícias sobre lançamentos e o mercado editorial em geral. Então sempre estamos bem-informados e nosso site atualizado diariamente:

www.revistaconexaoliteratura.com.br . Já as edições mensais da revista ocupam dias de trabalho. São muitas horas para chegar até a edição pronta, que é totalmente gratuita ao leitor.

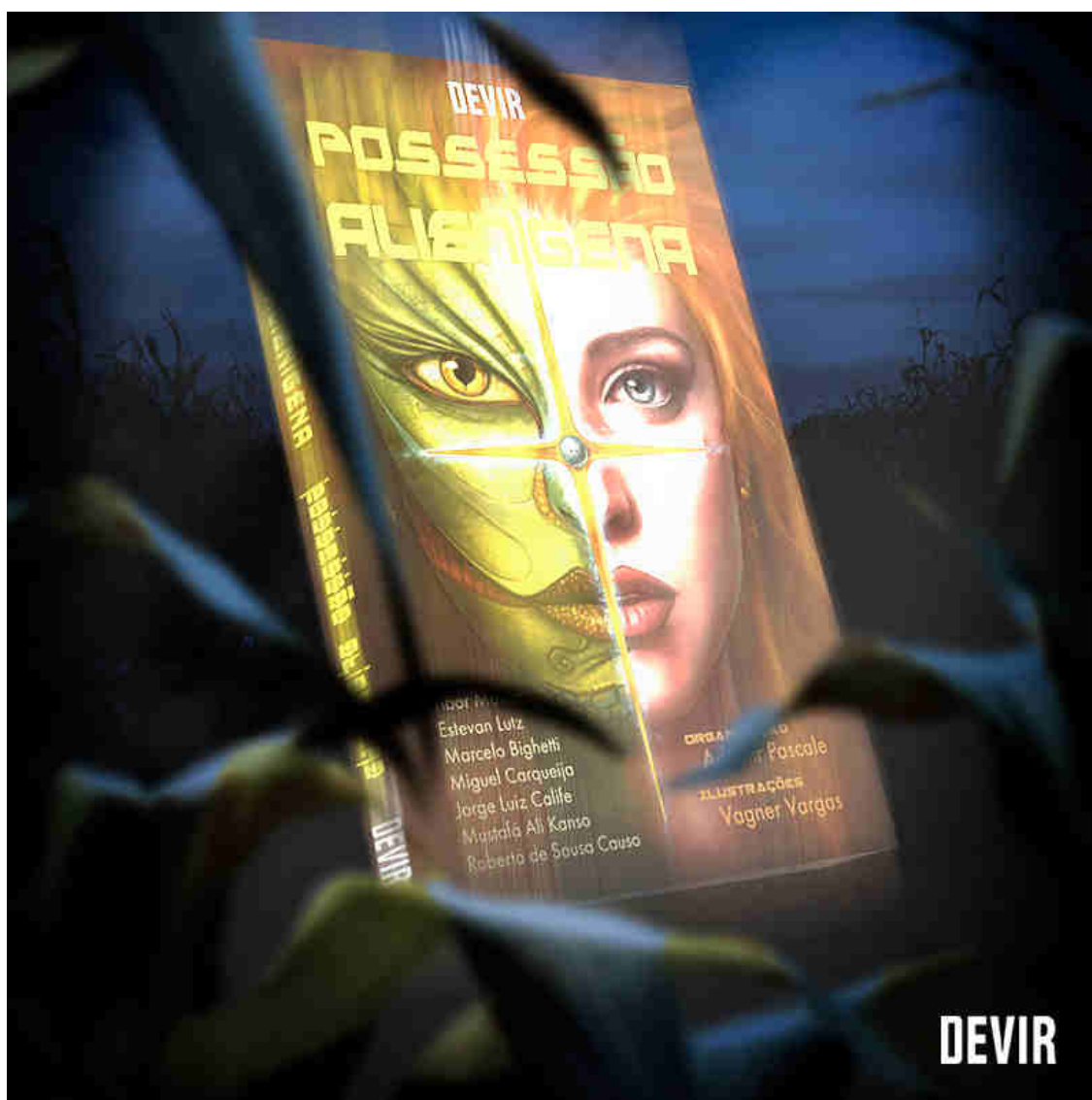
O que está escrevendo atualmente?

Estou com a obra “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe” no prelo, pela Editora Selo Jovem, com publicação prevista para o primeiro trimestre de 2019. Adorei escrever esse livro, com prefácio escrito pelo amigo Sérgio Simka :) E no momento

escrevo um romance envolvendo o escritor Oscar Wilde.

Deixo aqui nossas redes sociais:
www.twitter.com/ademirpascale
<https://www.facebook.com/conexaoliteratura>
<http://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura>

Agradeço pela entrevista ;)



Para adquirir o livro, acesse: <https://www.amazon.com.br/dp/8575326678>



www.travelingbetweenpages.com.br

Para os apaixonados por livros e entretenimento.



www.livreando.com.br

Um blog sobre nossa maior paixão: Livros!





por Míriam Santiago

O Caminho

Conheci, há alguns anos, uma senhora que vivia sozinha, era viúva e morava em um prédio pequeno e sem nenhum conforto, não que isso fosse um problema para ela, mas também fazia parte de suas lamentações.

No edifício, era conhecida como “a rabugenta”, porque nada estava bom e sempre tinha alguma coisa a se queixar.

Mesmo com esse temperamento, Lenira tinha amigos, mas já não eram muitos como no passado, mas ainda restavam alguns

que gostavam dela, por amizade ou por pena de sua solidão.

- Lenira querida, o que fará nas festas de final de ano? – Ligou Fátima, para convidá-la para passar o Ano-Novo.

- Amiga, agradeço por seu convite, mas passarei sem festejar.

A amiga entendeu que ela não queria ver ninguém, bem, todos os anos era a mesma coisa e Lenira ficava em casa sozinha, reclamando e desperdiçando o tempo precioso em vão.

Naquela noite, ao terminar a Queima de Fogos na televisão, foi

dormir. Com duas horas de sono, a mulher de meia-idade levanta-se sonolenta para beber água.

Cambaleando e sonolenta pelo corredor, Lenira se assusta ao ver três portas.

- O que está acontecendo? – Indaga a mulher, que se encosta ao corredor de acesso, pois o apartamento tem apenas dois quartos. O que seria a terceira porta?

- Meu Deus, isso só pode ser sonho! O tempo começa a passar e a mulher não tem ideia do que está acontecendo, de qual porta escolher, aliás, nem sabe ao certo se está acordada ou não!

De repente, sai da cozinha bem devagar, com o coração acelerado, para em frente das portas. Eram três agora! Como poderia ser isso? Respirou fundo, abriu a porta do meio e entrou. Nem sequer deu dois passos e a porta fechou-se. Lenira tentou de tudo, mas não conseguiu mover a maçaneta. Estava trancada dentro do quarto e o medo tomou conta de todo o seu ser. Tremendo ela foi se virando lentamente e para a sua surpresa, no lugar da cama e do guarda-roupa, estava no meio do nada, e adiante, um caminho a percorrer.

Lenira, mesmo sem forças, e suplicando a Deus, resolveu dar os primeiros passos, pois tinha de enfrentar aquele desafio.

Ela caminhou mais uns passos e ao olhar para trás, a porta estava tão longe que mal podia ver. – Como isso é possível? – Indaga a mulher. E uma voz interior silenciou seus pensamentos, para que ela pudesse relaxar a cada passo.

No caminho, juntaram-se a ela mais três mulheres e todas foram lentamente caminhando para algum destino. Mais adiante, o lugar ficou mais claro e Lenira pode observá-las melhor. A mais nova era cheia de vida, falante, risonha, linda e feliz. Já a mulher balzaquiana tinha uma fisionomia ranzinza, não falava muito e as poucas palavras eram para reclamar de alguma coisa. Ao olhar para a terceira, esta era uma idosa de cabelos brancos, pálida, magra, sem vida e sem forças até para falar, ela apenas olhava e caminhava, sua expressão era de tristeza. Lenira se arrepiou por inteiro, mas todas continuaram a caminhada.

A mulher mais jovem percorria cantando, uma melodia alegre e saudável. Lenira tentou conversar com ela, mas recebeu um cutucão e um sinal da mulher balzaquiana.

A cada passo, o caminho tornava-se diferente. Do escuro, o percurso ficara mais bonito com lindas árvores e pássaros aos galhos. O caminho cortava uma cidade. Pessoas acenavam para a mulher mais nova e mandavam beijos, eram seus amigos e parentes. Todos

tinham suas vidas e a cidade também, e nada interferia no caminho. Era como se elas estivessem dentro de um brinquedo, aqueles montáveis com trilho de trem e cidade ao redor. A sensação era essa.

Ao olhar para trás, a porta do quarto desaparecera.

Lenira estava apreensiva, pois viu que o caminho estava chegando ao fim e se aproximavam de uma casa grande, bonita e com natureza ao redor.

As quatro mulheres se aproximaram da casa e a porta da rua já estava aberta. Entraram e o local não tinha móveis, nem quadros, apenas as paredes eram brancas e muito limpas. O chão continuava o caminho que as levou até uma imensa sala. Lá aguardavam algumas pessoas, uma delas olhou para as mulheres e falou que todos passariam por uma entrevista e que teriam de aguardar em silêncio, e assim as mulheres sentaram e esperaram a vez.

Nisso, Lenira viu uma mesa e cadeiras e um homem se aproximou. Era um senhor de bengala, chapéu e muito bem vestido. Era magro, com cabelos grisalhos e sem barba.

A fila andou rápida e quando Lenira percebeu, só restavam elas no banco.

O senhor fez sinal e pediu para que todas fossem até ele.

As mulheres sentaram e o homem pediu para que a mais jovem contasse a sua vida.

Ela era brilhante, cheia de ideias, vigorosa e cheia de vida. Na infância e na adolescência, também tivera momentos de tristeza, de incompreensão porque ela tinha um espírito livre e aventureiro. Fizera muita coisa na juventude e ela preservava, acima de tudo, a sua liberdade. Porém, casou-se e teve um filho e a vida para ela foi se modificando e tornando-se rotineira.

- Ela teve um filho! - Admirou-se Lenira, pensando no seu que não o via há anos, após uma briga quando ambos pararam de se falar. E Lenira começou a chorar de saudades, não percebendo que a jovem terminara sua conversa.

A moça então acabou de contar sua vida. O senhor nada falou, apenas fez sinal para a mulher de meia-idade.

E assim, esta falou dos acontecimentos que passara. De quando rompeu com o único filho e não mais foi procurá-lo, motivo de tristeza do marido, que faleceu com essa mágoa. Das reclamações de tudo na vida, de morar em um lugar que não gostava, e por aí foi uma lista de insatisfações e das coisas mesquinhas, entre uma infinidade de fatos desagradáveis.

Lenira ficou boquiaberta e abaixou a cabeça de vergonha.

O senhor fez com que a mulher terminasse e também nada falou a respeito de tudo o que ouviu, apenas fez um sinal de que havia terminado.

- A senhora e eu, não falaremos? – Questionou Lenira.

- Acho que você não entendeu. – Respondeu o senhor.

- Sim, eu entendi - disse ela. - Só que eu gostaria de saber o que a velhota tem a falar de si. E eu também queria completar alguma coisa sobre mim – respondeu com insistência.

- Mas você já expôs o suficiente as etapas de sua vida. Digo-lhe que até agora você ainda não compreendeu. – Falou novamente o homem.

- Então, alterou a voz Lenira, querendo saber sobre o futuro. O que tem a se explicar essa senhora?

- Nada - disse-lhe o senhor, conhecedor de toda a verdade da humanidade. - De fato ela é o seu futuro. Olhe e sinta como serão seus últimos dias na Terra: sem alegria, sozinha, com alma entrelaçada no mais profundo rancor, e por aí vai, caso você não modifique o seu presente. Olhe bem para ela e veja se você quer terminar os seus dias desta forma porque ainda a tempo de mudanças -, respondeu o homem. – O caminho certo é você quem o escolhe, acrescentou.

Lenira virou-se para a senhora, que estava com a aparência de mais

sofrimento, de uma magreza que vinha da alma, que a corroe por inteiro.

Depois disso, o senhor pediu que todas se retirassem, pois o tempo se esgotara e elas deveriam voltar.

No caminho, as três iniciaram retorno juntas, mas na metade, a jovem se despediu e depois a balzaquiana. Lenira terminou somente com a idosa. Antes de chegar à porta de seu quarto, a senhora fez sinal para que ela refletisse e acenou um adeus...

...

Ainda era muito cedo quando Lenira acordou toda suada e sentindo-se exausta. Permaneceu na cama refletindo sobre tudo o que viu, sentiu e o senhor lhe falou.

De repente, num estalo da alma desperta, se levantou para um banho. Estava sem fome, não queria mais desperdiçar o seu precioso tempo.

Era dia 31 de dezembro, e Lenira correu ao telefone, discou o número da casa do filho.

As outras coisas, sim, ela corrigiria ainda no ano vindouro, pois tinha muito a mudar em sua vida!

Bom início de ano a todos vocês leitores! Vamos começar janeiro com o pé direito e com energia positiva! Acredite em você, remova as coisas ruins do pensamento e bola pra frente, pois todos nós temos um imenso caminho a percorrer!



Míriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>.
miriansssantos@gmail.com.

Contato:





TOMO LITERÁRIO

Um blog sobre livros

www.tomoliterario.blogspot.com

 @Tomoliterario

 @Tomoliterario

 Tomo Literario

Lançamentos

Resenhas

Escritores

Indicações

Quando um Universo Teve Fim

Conto

por Roberto Schima



PRÓLOGO

(Ac tenebras circum nos)

Ruptura.

Destruição.

Tecitura.

Cauterização.

Entre o éter e a substância.

Na diluição de Universos, o
caos.

Inquietude sem forma de um
mundo disforme.

Imerso em trevas, qualquer
centelha era motivo de dor.

Do interior da Mãe Escuridão,
o Povo das Sombras nutria-se da
ausência de luz.

Na languidez fria e profunda de
seu mundo, ela lamentou-se. E sua
voz era o roçar de folhas secas entre
galhos partidos, no silêncio perene
raramente quebrado:

- Por que fui eu a escolhida?

Dividindo com ela as
profundezas do abismo, outra sombra
de intenso negrume respondeu de
forma enigmática:

- Dos elos dessa corrente, não
houve melhor sorte.

A rouquidão de sua voz era semelhante a da outra: rajadas de vento em uma casa abandonada, o arranhar de unhas nas paredes de um poço vazio.

Não havia luz.

Não havia calor.

Não havia alegria.

Ela não se conformou.

- Não bastaria torná-la estéril?

- No mundo dela, extinta foi a esterilidade.

- Eu não poderia avisá-la?

- Dominada pelo medo ela é.

Razão consumida pelo temor.

- Qual a surpresa? Objetos movendo-se do nada, contrariando suas leis físicas, seu senso comum. O frio repentino e sem explicação. Sons não identificados: baques, passos, sussurros. O sentimento de estar sendo vigiada sem haver ninguém por perto. Quem não ficaria amedrontado?

A voz escabrosa de galho seco, partido sob o temporal, respondeu:

- São defeitos da conexão.

Tremendo é o consumo de energia. Deixa a desejar a precisão. Quanto a ela, alto demais o risco é. Falha não pode haver. Não pode!

- Mas nessa existência dividida, justo eu serei a portadora da calamidade.

A outra sombra ficou sem palavras numa aspereza sem eco de uma casa vazia.

Nada havia a ser dito que pudesse alterar o destino. Ambos sabiam disso.

"Destino", um termo taxativo daquilo que não tinha justificativa.

E a serenidade da noite eterna no âmago da Mãe Escuridão foi rompida pelas ondulações de dois Universos. No horizonte do porvir, eles se tocaram.

Trevas e luz.

Sussurros e vozes.

O oculto e o exposto.

E o toque frio insinuou-se numa carícia indesejada sobre os fios da urdidura.

Frágeis notas de um réquiem foram tocadas através do tecido da eternidade.

Ah, a tristeza na infinitude, finitude de uma vida por milhões de vidas.

No final dessa história, um universo deveria perecer...

1 - ILIEVA

A tensão superficial do tecido do espaço-tempo tremeluziu, dilacerou-se.

Diante da placidez do vazio, o sentido de eternidade se rompeu.

Imerso no ínfimo valor da energia escura.

Um Universo inflacionário.

Átomos, quarks e cordas.

No vasto tear cósmico.

Nove dimensões.

O Existir.

Algo semelhante a uma bolha de sabão emergiu do nada em meio ao nada entre as estrelas. E estourou silenciosamente no éter numa miríade de cores. Fez eclodir um globo azulado na noite perpétua. Sua luz era tão ofuscante quanto a de um astro; seu tamanho, tão gigantesco quanto uma montanha. A distância, poderia ser confundido com um meteoro ou um cometa cuja cauda fora-lhe brutalmente arrancada. Apareceu num rompante próximo à jovem estrela amarela e sua tranquila corte de planetas e satélites.

Em seu interior, a mulher murmurou:

- Tão longe de casa...

A melancolia de seu semblante trazia as águas mornas do Sith, o grande oceano do qual - ela sentia - jamais deveria ter-se afastado.

O homem de branco aproximou-se. Gentilmente, pousou sua mão descorada sobre o ombro dela sem se importar com o olhar dos auxiliares a sua volta.

"A Lei!"

Ignorou o burburinho. Sentiu o calor da pele dela, enquanto esta tremia diante da frieza de seu toque. Admirou a tez marmórea, o corpo alvo e nu. Apesar de ser um cientista - regido pela lógica e frieza -, havia um brilho triste em seus olhos. Disse num quase sussurro:

- Está pronta, Ilieva?

- Eu tenho escolha?

- Lamento...

Ela virou-se.

- Sinto-me cansada. Por que tinha que ser eu?

- Já conversamos sobre isso. Nós não sabemos o motivo. Apenas existe. Vocês todas são o foco da ruptura... Um acaso em um trilhão.

- Eu não pedi para ser esse acaso. E vocês, cientistas, não deveriam ter causado isso.

Ela gesticulou para o vazio, como se nada houvesse para se segurar.

O homem de branco respondeu, exasperado:

- Esqueceu-se de que você também é cientista? Não fomos nós no nosso mundo! Tampouco eu tive escolha quanto a ser um daqueles que tentaria consertá-lo... Se for possível. Não fomos os culpados, Ilieva. Já expliquei: foi uma cadeia de eventos... Quisera estar eu em seu lugar. A sequência precisa ser obedecida como em uma fila de dominós.

- "Dominós"?

- Um jogo deste Universo. Explicarei, se houver tempo.

- Explique-me agora - exigiu.

E ele o fez rapidamente.

- Entendi - disse ela, baixinho.

- Está pronta ou não?

- Tanto quanto qualquer um atado sobre a beira do precipício. Quem está preparado para ser o olho

do furacão? Vamos acabar logo com isso.

A mão continuava pousada sobre o ombro alvo e macio, relutante em alçar vôo.

Ele murmurou meio que para si próprio entre a urgência e a relutância:

- Não tem adormecido muito.

- Quem conseguiria? Eu só desejo que esse pesadelo termine para poder rever o nosso oceano - E, num pensamento súbito: - Não é irônico?

- O quê?

- Apesar de refutarmos todas as nossas crenças antropocênticas iniciais, agora, de um jeito esquisito, creio que sou, de fato, o centro do Universo.

O cientista tentou sorrir, todavia, o par de olhos tornou-se mais triste.

- Tudo terminará em breve, Ilieva. Eu prometo. Você terá paz.

- Veremos o Sith?

Em vez de responder, o homem de branco engoliu em seco, e voltando-se para seus assistentes:

- Pois bem, que o experimento recomece. Sabem o que têm a fazer. Movam-se!

Cada qual flutuou para sua posição.

Relutante, a mão fria abandonou o aconchego do ombro da mulher. Mas não os olhos.

Ilieva - de uma palidez quase translúcida - deitou-se nua no interior da câmara transparente onde um brilho de aspecto leitoso a recebeu. Os seios fartos ondularam por um momento até se acalmarem. Seus mamilos enrijeceram, destacando-se como um par de pequeninos cumes em uma cordilheira ao romper um manto de nuvens. Ela ficou rodeada por aquela mistura de névoa e luz salpicada de estrelas, enquanto diversos terminais serpentearam ao redor de seu corpo.

A câmara fechou-se vagarosamente, aprisionando a beleza etérea.

Um autômato de contornos femininos acionou os comandos.

A neblina de luz tornou-se gradualmente mais densa.

O torpor chegou e foi tomando conta de Ilieva.

Através de fiapos de consciência, ela implorou:

- Pelas estrelas, nada de fantasmas em meus sonhos!

E perdeu os sentidos.

A tecitura do espaço tornou a se fechar por trás daquela luz.

E o tear trabalhou e trabalhou, dobrando o tecido.

A urdidura foi unida pela trama.

E, então, a esfera misteriosa rumou velozmente em direção ao terceiro planeta, contrária ao açoite do vento solar.

Incapaz de reprimir seus sentimentos e contrariando todos os ditames de sua sociedade, o homem de branco sussurrou:

- Seu pesadelo terá fim... E o meu começará.

Pois ele sabia: mentira para ela.

2 - AZORA

A noite corria serena do lado de fora.

De vez em quando, além do ruído dos insetos ou de algum roedor furtivo, um uivo era ouvido ao longe, porém, não havia motivo para o Clã do Tigre preocupar-se: o cercado de arbustos espinhosos fora montado como de costume, tochas foram acesas na entrada da caverna e os cães domesticados descansavam, mas com os ouvidos atentos, em prontidão.

Sim, os cães. Fora uma aliança preciosa.

Entretanto, se tanto a cerca quanto os cães falhassem, ainda haveria o fogo.

Fogo!

E essa aquisição fora a maior de todas.

Mas era uma noite tranquila, salpicada de estrelas, e, de vez em quando, cortada por um meteoro.

- Afastem-se...

Milhares de estrelas cintilavam por trás de nuvens tênues feito gotas de chuva sobre a superfície de um

lago. Um chuveirar incessante e silencioso através dos milênios, cheio de perguntas e mistérios. Talvez mais do que as respostas, o benefício da dúvida, um dia, impulsionaria aquele povo neolítico das florestas temperadas para o espaço.

Por enquanto, as divindades mantinham as respostas para si e, ocasionalmente, compartilhavam algumas com os feiticeiros e curandeiros de cada clã ou tribo. Ao menos, era o que estes afirmavam.

Neilar, o velho e sinistro curandeiro desse clã em particular, sempre coberto por pinturas feitas de carvão, pigmentos minerais e frutos silvestres, tentava arrancá-las de vez em quando, através de seus chocalhos, cantorias e fungos alucinógenos, entretanto, tudo o que conseguira até agora foram frases desconexas e uma tremenda dor de cabeça.

Os deuses podiam ser muito teimosos quando queriam.

Ele também. E ambicioso. O ancião era tão bom no improviso quanto em amedrontar as crianças.

No interior da caverna, inúmeros roncamentos podiam ser ouvidos. Corpos malcheirosos e despídos amontoavam-se ao redor da luminosidade bruxuleante e acolhedora da fogueira. A frieza do chão e das paredes era atenuada por estruturas toscas de troncos, galhos,

folhagens secas e peles de animais sobrepostas.

- Monstros...

A produção de fogo, assim como a domesticação, fora uma descoberta recente e todo o seu potencial ainda estava por ser desvendado. A seu tempo, isso iria semear a civilização e modificar o mundo. Por ora, trazia, luz, calor, afugentava as bestas selvagens, tornava a carne e as raízes mais palatáveis e os potes de argila mais resistentes. Era mais do que o suficiente. E todos eram agradecidos aos deuses por essa inestimável dádiva.

Neilar contava que o fogo viera num estrondo do céu durante uma tormenta, em uma ocasião perdida na memória, e, não sem muita dificuldade, ao homem fora-lhe concedido a sabedoria de produzi-lo a partir da fricção. Não a um homem qualquer, mas a um eleito. Era algo mágico, divino. Neilar constituía-se no único membro do Clã do Tigre a dominar essa arte e, por conseguinte, era bastante prestigiado e honrado através de frutos, peixes e carne vermelha sem precisar afastar-se dos arredores seguros da caverna. Tampouco poderia, pois raramente a um homem era concedido o dúbio privilégio de atingir idade tão avançada, desprovido de agilidade, inútil nas caçadas. Não era um conhecimento a ser transmitido

levianamente, tampouco havia pressa nesse sentido.

Era uma noite tranquila... Ao menos do lado de fora.

- Fiquem longe de mim!

Em um canto mais afastado, sobre o piso da caverna forrado de palha e peles, Azora agitava-se.

O corpo nu, sujo e suado, apesar do frio, brilhava sob a luz fraca e tremeluzente da fogueira. Seios grandes subiam e desciam no compasso inquieto de sua respiração. Ela dormia no canto mais distante e desconfortável da caverna, tendo somente o seu filho adolescente, Athal, por companhia para dividir o calor contra a friagem noturna.

Devia dar-se por agradecida, e o era. Se fosse em outro clã, já teria sido morta, acusada de estar possuída por um mal espírito e responsabilizada por toda sorte de desgraças que se abatessem sobre o grupo.

- Você teria o crânio esmagado!
- dissera-lhe uma das anciãs, sem papas na língua. - Seus miolos seriam fervidos e servidos a todos com peixe e tubérculos para dividir sua força entre nós e para o seu espírito encontrar a paz.

Paz?

O companheiro de Azora fora morto havia algumas luas por um imenso urso das cavernas e, agora, ela vivia praticamente de favores, enquanto Athal aprendia a habilidade

de caçar junto aos mais velhos. Às escondidas, e por conta própria, o garoto tentava criar o fogo conforme espicara Neilar fazer. Mas não contara a ninguém, nem mesmo à sua mãe. Azora ainda saía com as outras mulheres para colher ervas, frutos e raízes, porém, a maioria delas a evitavam o que tornava tudo mais difícil. Passava a maior parte do tempo a tecer cestos, curtir o couro e moldar potes. Além de Athal, a única recordação que lhe restara do companheiro fora um colar de presas de javali e um par de pulseiras feito de conchas furadas.

- Fora!

Ela balbuciava coisas sem sentido durante o sono.

Às vezes murmurava.

Às vezes chorava.

Às vezes gritava.

As imagens vinham e desapareciam aos borbotões em sua mente. Inúmeras formas. Infinitas cores. Muita escuridão. Sempre confusas, estranhas e assustadoras.

O mundo dos espíritos.

Fora a partir de uma noite, após ingerir uns frutos estragados, que tudo começara. E o clarão, sim, aquele clarão... Desde então, Azora sentira-se invadida por esses pesadelos terríveis.

Sombras e luzes.

Movimentos rápidos e letárgicos.

Formas enormes, ruidosas e ameaçadoras.

O fedor permeando o ar feito uma névoa pestilenta.

A mulher perguntava-se se os espíritos do sono haviam-na amaldiçoado, se algum demônio da noite a perseguia ou se, durante uma outra existência, cometera tantos atos sacrílegos que, agora, estava sendo punida pelas garras da vingança.

Mas... por quê?

Por que privá-la de seu afetuoso companheiro?

Por que ser castigada por erros aos quais sequer recordava?

Por que alguma divindade do mal a escolheria para atormentar?

O que haveria feito de tão grave assim para os deuses a amaldiçoarem?

Certa feita, alimentara-se da carne de um tigre-de-dentes-de-sabre, uma criatura sagrada. Seria isso? Mas não fora a única! Passavam por um período de longa estiagem. A fome assombrava a todos, até depararem-se com a fera, velha, doente e faminta. Mataram-na depressa, na certeza de haver sido um presente dos deuses. Seu corpo magro e duro alimentara a todos. Seu crânio e a pele ocupavam lugar de honra e adoração no fundo da caverna, próximo ao local de repouso de Neilar, e dera um nome ao clã.

- Deixem-me! - gemeu a mulher.

E quanto ao funeral de seu companheiro, pai de Athal, Azora deixara de cumprir alguma parte nos ritos? Não que soubesse. As armas de pedra lascada ou polida, os adornos de ossos, penas e conchas, o alimento e as flores foram posicionados e enterrados junto ao corpo em posição fetal conforme o costume. Ela urrara o lamento da despedida do jeito que lhe fora ensinado, mas ninguém precisara mostrar-lhe a pungência de sua dor. Fizera os sinais lutúrgicos adequados a ponto de até Neilar, a contragosto, balançar a cabeça, aprovando.

Teria feito algo, um gesto, ou dito uma heresia que ofendera às divindades diretamente? Sinceramente, não podia imaginar nada semelhante. De modo algum! Desde pequena fora ensinada a respeitar e a temer as forças incompreensíveis da natureza, os espíritos que habitavam o vento, traziam a chuva ou viviam no interior em chamas da terra.

Então, por quê?

Cansara de implorar aos deuses e fazer oferendas de frutas, colares de marfim e gordura animal.

E os sonhos ruins surgiam noite após noite.

Tudo começara desde aquela noite, a noite da indisposição. Apesar dos riscos, apanhara uma lança e fora até um matagal fazer as suas necessidades. Repentinamente, já de

cócoras, sentira um estranho formigamento tomar conta de todo o seu corpo. Coçara-se energicamente, pensando em urtigas ou num formigueiro. Em seguida, ouvira um zumbido vindo do alto. Erguera a cabeça. Uma estrela passara a movimentar-se e descera feito uma folha seca do céu, de um lado para o outro, iluminando toda a vegetação ao redor de Azora. Era uma esfera enorme de um azul claro e intenso. Espírito? Apavorara-se. Sua lança só alcançara o vazio, perdendo-se na escuridão. A seguir, tão misteriosamente como surgira, a estranha bola de fogo partira, tornando-se novamente tão pequena quanto as outras estrelas no firmamento. Por fim, desaparecera.

Bem que Azora tentara contar àquilo que testemunhara às outras mulheres.

- Um clarão azul... Um deus!

Estas balançaram a cabeça.

- Foi por causa dos frutos podres, Azora - dissera uma delas.

Outra acrescentara:

- Ou será que está inventando isso só para fugir dos afazeres?

Azora indignara-se:

- Eu não inventei!

- Aff! Bem sei o que os deuses queriam dizer a você.

- O quê? - indagara Azora.

- "Trabalhe!"

As outras riram.

Sim, fora a partir dali, da "estrela" caída.

O mundo dos espíritos se abriu noite após noite.

E ela despertava durante as madrugadas aos gritos.

As pessoas passaram a evitá-la como se estivesse doente.

E, nessa noite, as imagens surgiram mais vívidas do que nunca.

Estava escuro. Monstros reluzentes de olhos de fogo, centenas, milhares deles, moviam-se lentamente numa fila, rugindo e uivando de maneira pavorosa. Um coro maldito. Seguiam por trilhas escuras feito a noite, rodeados por penhascos enormes, perpendiculares, cada qual possuindo milhares de olhos ameaçadores, que aparentavam estar prestes a esmagar os monstros mais abaixo. Havia pouco sinal de árvores e nenhum animal a vista.

E a alcatéia de monstros prosseguia. As criaturas desafiavam-se umas as outras, barulhentas, ameaçadoras, olhos brilhantes, soltando fumo feito dragões sem asas. Matilhas esfaimadas prontas a devorarem-se mutuamente.

- Não! Sumam daqui! Vão embora! - gritou a mulher, agitando os braços no ar. - NÃO!

- Mamãe, acorde! - Athal sacudiu-a energicamente, o medo estampado nas faces juvenis. O colar produziu um ruído de chocalho. - Mamãe!

De repente, os olhos de Azora arregalaram-se. Era como se estivesse diante do horror máximo que seus temores e superstições pudessem suportar. Respirou convulsivamente.

Ainda teve tempo de gritar:

- Soltem-me! Ponham-me pra fora! Vão embora... DEMÔNIOS!

Todo o clã despertou num burburinho aflito.

Os homens empunharam suas armas, imaginando o ataque de algum animal.

Mulheres gritaram e apontaram.

- Ela!

Cães latiram.

O garoto puxou-lhe os cabelos. Implorou:

- Feche a boca do mundo dos espíritos, mãe... Acorde!

Deu-lhe um tapa suave.

A mulher, enfim, abriu os olhos. Continuava ofegante. O suor escorria-lhe pelo rosto.

O líder do Clã do Tigre, um homem alto, forte e carrancudo, considerado o melhor caçador de todos, aproximou-se a passos pesados. Veio acompanhado por outros caçadores, entre eles, o instrutor de Athal. Alguns portavam archotes. Aquele falou:

- O que foi, Azora?

A mulher encontrava-se em choque.

O garoto assustou-se diante da expressão dela. Havia um horror

selvagem, cujo medo, de tão grande, transformara-se em ódio. Já vira isso em algumas presas, das vezes em que acompanhara os homens na caçada a fim de aprender. Quando acuadas, diante do pavor de quem não tinha mais escapatória, a maioria optava por morrer lutando. E isso as tornava muito perigosas. Era como o seu instrutor ensinava:

- Quando não se tem mais nada a perder, também não há mais o que temer.

Segurou os punhos em garra da mãe, evitando assim ser arranhado.

O líder, menos paciente, deu um violento bofetão no rosto de Azora.

O filho ergueu-se em protesto.

Imediatamente, o líder empurrou-o e Athal caiu no terreno irregular e duro, gemendo.

Satisfeito por transformar seu temor em raiva, aquele vociferou:

- Quando estiver crescido o suficiente, aceitarei seu desafio. Por enquanto, alegre-se por você e essa bruxa continuarem vivos. Seu pai era meu amigo. Só por isso não tomei ela para mim e nem expulsei os dois do clã.

Voltou-se novamente para Azora. Vê-la despida sob a luz das chamas reacendeu o velho desejo, todavia, desde que ela começara a ter aquelas visões, tornara-se um tipo de tabu, alguém a ser evitado. Era como se a própria Azora houvesse se

tornado um mau espírito ou uma portadora da peste. O líder nunca o reconheceria, porém, parte dele mantinha um receio supersticioso. Ignorou seu desejo e seu medo. Por ora, ele precisava restabelecer a ordem rapidamente e reafirmar a sua posição. Repetiu:

- O que foi, Azora? O que viu?

A seu lado, Neilar, o velho curandeiro observava a mulher, apreensivo. Sempre pintado, adornado por plumas, pedaços de peles e partes de animais, murmurou entre os dentes nos ouvidos do líder:

- Ela não viu nada. Nós é que estamos vendo... Nós! Azora tornou-se um espírito do mal. - E sacudiu seu chumaço de penas cerimoniais sobre ela.

Mulheres estremeeceram.

Alguns homens também, disfarçadamente.

- Não! - gritou o menino.

Athal correu para junto da mãe. O menino era belo, de pele morena e lisa, sem cicatrizes. Não devia ter mais do que doze anos, porém, já era forte e rijo. Engoliu o choro. Em seu mundo, precisava-se amadurecer depressa, pois a decrepitude era igualmente precoce. Trazia nas orelhas, os brincos de dentes de porco selvagem, símbolo da família, dados pelo pai. Sentia muita falta dele. Os olhos, muito negros, eram vivos e ainda inocentes. Limpou o sangue do canto da boca de Azora. A face

esquerda da mãe tornara-se escarlate. O jovem sorveu o ódio contra aquele homenzarrão e jurou a si próprio que, um dia, iria matá-lo. Sabia que teria que dar tempo ao tempo, tornar-se invisível até ter experiência o bastante para combater o poderoso caçador. E não seria pela liderança, mas pelo que o líder acabara de fazer essa noite. Athal não se esqueceria. E haveria de fazê-lo lembrar. O tempo estava a seu favor. Saberá esperar.

A princípio, Azora fitara o filho como se não o reconhecesse, como se a luz da fogueira fosse fraca demais para afugentar a noite no interior da caverna. A compreensão infiltrou-se lentamente, seguida pela dor. Levou uma das mãos à face em brasa. Só quando teve certeza de que aquele rosto diante de si era o rosto de seu filho - e não "deles" - foi que relaxou os músculos.

- Ah... meu pequeno Athal. Athal! - abraçou-o.

"Tão jovem", pensou ela em prantos, e acariciou-lhe os cabelos.

Os homens avançaram, os mais amedrontados atrás.

- E então, Azora? - insistiu o líder.

- O mundo dos espíritos, mãe... Esteve lá novamente?

Azora procurou sorrir, mas a lembrança fé-la tremer e os olhos arregalarem-se, em seguida, cobriu-os com as mãos. Por mais que desejasse, não era mais como as

outras mulheres do Clã do Tigre, ou os homens. Suas almas visitavam o mundo dos espíritos durante o sono, porém, logo se esqueciam dele ao acordarem para um novo dia. Quando se recordavam, a maioria das imagens que viam não passava de um amálgama de cenas cotidianas. Mas não para Azora, não ela. Eram reinos incompreensíveis, ruidosos, aterrorizantes e o sentimento que predominava era a angústia, o sufocamento e o desespero. E a lembrança permanecia por mais que desejasse esquecer.

Procurou fazer um resumo para o líder e seu séquito. Falou dos monstros reluzentes, dos olhos de fogo, do rio da morte, dos rugidos intermináveis, do céu sem estrelas.

Neilar esticou ambos os braços encarquilhados, como se quisesse formar um escudo.

Os caçadores fizeram expressões confusas. O medo do desconhecido pincelava os seus semblantes. Trocaram olhares. Cochicharam uns para os outros.

A própria Azora sentia-se dessa forma, exasperada, sem saber como reagir e o que iria acontecer.

Alguns gritinhos partiram do lado oposto da caverna.

Azora deu-se conta do grupo de mulheres mais ao fundo, expressões amedrontadas, balbuciando comentários de mau agouro. Crianças choravam. Cães inquietos moviam-se

de um lado para o outro. Alguns buscavam ossos perto da fogueira e seus focinhos ergueram pequenas nuvens de cinza.

A atmosfera exalava temor e inquietação.

O líder apontou para Azora o seu machado de pedra polida. O semblante do caçador encontrava-se imerso em sombras, a fogueira atrás de si. O ardor do rosto de Azora permanecia vívido em sua própria mão. O tom de voz saiu rouco, ameaçador:

- Escute-me, mulher, escute bem. Não me interessa de que maneira o faça. Mantenha a entrada para o mundo dos espíritos fechada. Conserve os demônios dentro de si e para si. Não permitirei que traga a desgraça para o clã. Se tornar a invocá-los, irá se juntar a eles do outro lado, permanentemente.

Neilar pareceu insatisfeito. Ainda conservava os braços diante de si. Somente ele podia clamar pelas divindades, fazer pedidos e ouvir suas vontades. Por ele, preferiria que a situação fosse resolvida agora.

Os outros caçadores assentiram, mãos trêmulas em suas armas. Exceto o instrutor de Athal, um homem mais amadurecido do que a média de expectativa de vida, que vira e experimentara de quase tudo um pouco. Este limitou-se a fazer uma expressão de advertência ao garoto para que zelasse pela mãe.

Então, o grupo deu meia-volta e cada qual retornou a suas famílias. Gritos irados foram ouvidos para que as mulheres se calassem e as crianças parassem de chorar. Um dos cães levou um pontapé e voltou ganindo para a entrada da caverna, próximo ao cercado de espinhos, rabo entre as pernas.

O homem pintado capengou no encaço do líder, tornando a cochichar em seus ouvidos.

- Oh, Athal, meu filho... - murmurou Azora, lívida, tornando a abraçá-lo. Seu rosto continuava a queimar. - Oh, Athal! Como poderei impedir o que sequer compreendo?

O garoto não desgrudava os olhos das costas do líder. Por fim, murmurou evasivo:

- Vou buscar água.

- Não vá! Não me deixe sozinha.

- O clã está aqui - apontou para o outro canto da caverna, ainda em alvoroço. - Não está só.

Azora meneou a cabeça.

- A água pode esperar - insistiu ela. Olhou mais além, para as mulheres inquietas e os homens ensimesmados. - Pelo contrário, Athal, estamos completamente sós. Somos eu e você, ninguém mais. Por favor, não me deixe sozinha. O rio... O rio...

- Rio?

- O rio negro e fétido... O rio da morte.

Athal tornou a chegar perto dela. Cobriu-lhe a nudez suarenta com as peles de animais.

Eles viviam próximos a uma cachoeira, de onde obtinham a sua água fresca e cristalina, porém, o rio propriamente, ficava numa região bem mais abaixo, distante, ocupada por uma tribo numerosa e belicosa. Não era negro e, tampouco, fedia. A pesca era abundante, principalmente na época da migração. A que rio estaria ela se referindo?

Azora adivinhou a expressão do filho. Falou. E seu olhar manteve-se distante, no rastro de uma outra cena a qual preferiria não se recordar. Disse baixinho para não chegar aos ouvidos das mulheres. Embora distantes, os sentidos delas eram tão aguçados quanto suas línguas.

- Eu vi os monstros brilhantes, Athal. A trilha negra sobre o rio. As criaturas sem pernas seguiam por ela, atravessando o rio devagar, urrando e urrando umas para as outras. Eram muitas e muito juntas, como uma manada numa trilha estreita. Soltavam um fumo quente e sufocante. Os olhos de fogo iluminavam tudo a sua frente.

- "Olhos de fogo"?

- Já viu os olhos dos felinos ou dos crocodilos à noite quando a chama dos archotes os ilumina?

- Uma vez... Era um jacaré. - A lembrança sinistra fê-lo arrepiar-se todo. - Tinha ido com o pai.

- É parecido, só que os olhos dos monstros eram maiores. - Azora fez um gesto com ambas as mãos em arco para demonstrar. - Muito maiores... e mais reluzentes.

Na imaginação do menino, viu imensos dragões de escamas brilhantes, longos pescoços e olhares malignos. Agitados. Raivosos. Línguas bifurcadas lambiam o negrume da noite. Assemelhavam-se a serpentes. Ele tinha pavor a serpentes.

Em seguida, Azora estreitou os olhos. Havia estupefação dentro deles. Sua voz tornou-se mais pausada, hesitante. Sussurrou:

- Foi quando eu vi, Athal... Eu vi!

- Viu mais o quê, mãe?

Ela hesitou um momento. Fechou os olhos, desejando apagar a cena, mas essa persistia por trás das pálpebras. Disse:

- Eu... eu vi a mim mesma. Eu me vi... lá.

- Você se viu, mãe? No mundo dos espíritos e dragões?

- Sim, eu estava lá... engolida por um daqueles monstros. Eu estava lá, dentro da barriga de um deles!

Athal ficou mais amedrontado. Sentiu-se arrepiar todo diante da entonação premonitória na voz dela. Era um mau presságio. Cheirava a morte. Levou uma das mãos ao dente de porco selvagem em sua orelha como se este fosse uma espécie de

amuleto. Queria tanto que o pai estivesse presente. "Mas não está!", repreendeu-se. "Ele está morto - Morto! - e, agora, eu sou o homem da família". Procurando soar firme, perguntou:

- Como assim?

- Não sei dizer. Eu podia ver através do ventre deles, de todos eles. E havia outras pessoas devoradas pelos monstros. Todas as criaturas haviam se banquetado. Porém - é estranho -, as pessoas continuavam vivas lá dentro. E eu também estava viva. Devorada viva. Mas era como se estivesse morta: a pele estava tão branca! Descorada feito um cadáver... Os olhos - meus olhos - estavam fechados, mas ainda vivia, pois, de vez em quando, eu me mexia. Eu dormia na barriga da fera. E havia um homem ao meu lado.

O garoto remexeu-se sobre a palha e as peles.

- Um homem?... O pai?

- Não, não o pai, pequeno Athal. Um estranho. Ele também fora devorado, porém, permanecia acordado, brigando com os monstros diante de si, em vez de lutar para sair daquele que o engolira.

- Por isso gritou para ser colocada para fora, mãe? Foi isso o quê a assustou?

- Sim, sim... Mas pior foi o momento em que eu, de lá do mundo dos espíritos, despertei e olhei para mim mesma, aqui, deste lado, no

nosso mundo. Vimos uma a outra, feito um reflexo na água, mas diferente... E ela gritou também! Gritou para mim como se o monstro, em verdade, fosse eu!

Athal, profundamente perturbado, tentou apreender o significado dessa visão. Entretanto, não tinha o dom adivinhatório e nem os conhecimentos de Neilar. Não era um oráculo. O mundo era enorme e havia tanto por conhecer... e temer.

Azora acrescentou:

- É melhor falarmos com Neilar ao raiar do dia. Talvez ele possa exorcizar os maus espíritos através de sua magia. Tem que me curar! Ele saberá interpretar a mensagem dos deuses.

O garoto meneou a cabeça. Percebera a forma do curandeiro fitá-lo e à mãe. Não havia empatia alguma naquele olhar. E ouvira as palavras do velho xamã durante a confusão. Algo lhe dizia que Neilar já desconfiava de suas intenções em aprender a arte de produzir o fogo... e não deixaria isso acontecer.

- Nós não teremos nenhum auxílio da parte dele. No princípio, ele até tentou, lembra-se? Invocou os espíritos e deu-lhe as poções...

Sim, ela se lembrava da beberagem. E tal recordação embrulhou-lhe o estômago. Seus ombros caíram. Estava desconsolada.

O garoto completou:

- E agora - vi nos olhos dele -, não acredito que tenha intenção alguma em nos ajudar.

- Sim, sim, eu também percebi - admitiu. - Mas a cada noite só piora, Athal. Tudo depois daquela "estrela" que caiu do céu. O que será de nós quando eu dormir outra vez? Isso tem que acabar!

Azora abraçou-o como se ele fosse uma tábua de salvação. Seu corpo suado tremia. Seu filho também estava muito assustado, incapaz de pensar em uma saída. Ela observou as estrelas lá fora, além da bocarra da caverna. Os espíritos do céu. Brilhavam de uma distância que jamais poderia adivinhar, sempre vigilantes, ativas e misteriosas. Independentemente de sua natureza divina, Azora gostava das estrelas desde menininha, porém, agora, faziam-na arrepiar-se toda. Baixinho, sussurrou no ouvido do menino:

- Sinto medo de fechar os olhos. Você ouviu nosso líder... Mas eu estou tão cansada!

3 - MARIANA

A noite desfilava do lado de fora: lenta, morna, barulhenta e sufocante.

A mulher despertou bruscamente ao som de seu próprio grito. Não fosse pelo cinto de segurança, teria batido a cabeça. Os braços agitaram-se diante de si,

tentando arranhar o pára-brisa e o painel do veículo.

Ao seu lado, no volante, o marido teve um sobressalto.

- Minha nossa senhora! Que foi isso, Mariana? Por pouco não bati no carro da frente!

Ela mostrou-se confusa, ainda agitada.

- O que foi? Como?

O homem em trajes sociais franziu o cenho.

- O que é que você tem? Tá doida?

- Quem?

Ele elevou o tom de sua voz:

- Alô-ô, tem alguém aí? Puxou um baseado?

- Mauro?

- Quem mais esperava? - falou, irritado, de olho no trânsito. - Papai Noel?

Ofegante, a mulher levou alguns segundos mais para dar-se conta de onde se encontrava. Ajeitou-se no banco do passageiro, afrouxando a pressão do cinto em seu peito. Ainda grogue, levou as mãos ao rosto e esfregou os olhos. Mirou mais além.

Era início de inverno e estavam em pleno horário de rush. O trânsito mostrava-se terrível como sempre. Sobre uma das pontes no rio Tietê, os motoristas não paravam de buzinar. Não bastasse o inferno causado pela fumaça dos canos de escapamento, uns e outros acreditavam que a

barulheira tivesse o poder de fazer os veículos da frente avançarem alguns centímetros a mais a cada decibel aumentado. Como diria Mariana em seus momentos de filosofice de cordel: "Uma lógica estúpida para tempos estúpidos" ou "Vivemos tempos politicamente 'corretos' e hipocritamente incorretos". Por vezes, motoristas e passageiros sentiam-se ofuscados pelas luzes dos faróis dos outros automóveis. Os rostos inexpressivos e desfigurados faziam pensar em uma velha tela de Picasso .

Era a insanidade cotidiana de cada final de tarde, após o desgaste durante o trabalho.

A paradoxal loucura autoinfligida de quem deteriorava a vida para ganhar dinheiro a fim de ter os recursos para garantir a sobrevivência.

Apesar da estação do ano, fora um dia muito quente e havia um ranço morno e enjoativo no ar.

O odor de suor.

O odor de fuligem.

O odor de podridão das águas abaixo.

A perspectiva de esperança, de melhoria, de moralização do cenário político em virtude das recentes mudanças no governo foram rapidamente ofuscadas por piores corrupções por parte dos três poderes. A "lei do jeitinho", do "tirar vantagem", da troca de favores,

infelizmente, continuava a predominar. Vinha de alto a baixo e de cabo a rabo. E alastrava-se pústula a pústula. Isso não havia melhorado nem um pouco o estado de ânimo da população, muito pelo contrário. Empresas faliam uma atrás da outra. O desemprego aumentava - e os impostos também. A criminalidade corria solta. A desconfiança mútua crescia. Maus exemplos encontravam adeptos. Tensões se acumulavam. Qualquer lugar poderia servir de ringue para liberar parte dessa pressão, o trânsito inclusive.

- Vai me contar o que houve ou não?

A paciência de Mauro nunca fora das melhores. Hoje fora um dia particularmente difícil, tendo discutido acaloradamente no balcão com um advogado metido a besta. O jumento queria "crescer" às suas custas diante do cliente, mas, pelo menos, Mauro colocara-o no seu devido lugar. Que o denunciasse a ouvidoria, ao presidente... a PQP! Que fosse pro quinto dos infernos! Por falar em inferno, o desaforado ainda tivera o atrevimento de rogar-lhe uma praga:

- Deus haverá de te punir!

Ao que Mauro, rosto rubro de raiva, retrucara:

- Muito mais gente foi assassinada por pessoas apregoando o nome de Deus do que por aqueles invocando o Diabo!

A bronca levada mais tarde através de seu diretor fora o arremate. Fazer o quê? "Manda quem pode, obedece quem tem juízo". Não era esse o lema?

- E então? - insistiu ele atrás do volante.

Mariana ainda respirava profundamente quando, enfim, falou:

- Um sonho... Um pesadelo!

O marido resmungou entre os dentes:

- Pelo menos, você consegue dormir nesse engarrafamento. Devíamos revesar na direção só pra variar...

Ela meneou a cabeça, ainda aturdida.

- Foi estranho, bastante esquisito. Era um outro lugar... - Estreitou os olhos para se concentrar. - Um mundo pré-histórico. Homens da caverna, florestas frias, montanhas e cachoeira...

Um caminhão baú forçou a passagem na frente de Mauro. Lia-se na carroceria: "Mudanças Pinheiro". Mauro pressionou a buzina prolongadamente, entremeando meia dúzia de palavrões.

- Cai fora!

- Homens da caverna... - repetiu Mariana.

- Hum... Você tem assistido demais a esses documentários da TV paga. Eu falei...

A mulher balançou a cabeça.

- Ah, cale-se, Mauro! Estou falando sério. Havia pessoas numa dessas cavernas, várias. - Forçou a memória, não desejando que o detalhes fugissem rapidamente como geralmente acontecia. - Eram como nas ilustrações da Conhecer : nus, mas cobertos embaixo por uma tanga de pele. Alguns cobriam-se mais; outros, nada. Era noite também. Dormiam. E, uma delas... Tão estranho! Uma das mulheres se parecia muito comigo.

O marido, cansado, nervoso, estafado e, agora, um tanto magoado retrucou:

- Ahá, eu sempre achei que você tinha um lado troglodita!

Ela deu-lhe um safanão.

- Ei, ei, eu não disse? Foi brincadeira, Mariana - reclamou. - Lembre-se: eu estou dirigindo!

A mulher mal o escutou em meio às buzinas e o ruído dos motores. A sirene de uma ambulância próxima tampouco ajudou.

- Foi tão nítido, tão... real.

Observou através da janela, para os automóveis no tráfego intenso. Sob eles, na Marginal Tietê, um colar de luzes dirigia-se para a Zona Leste. Tentou observar mais acima, além das nuvens e da poluição. Não conseguiu divisar as estrelas. Sentiu falta das estrelas do sonho, nunca as vira tão nítidas, em tamanha quantidade no céu, sequer

supunha existir tantas assim. Era lindo. Tantas estrelas e tanto céu...

Gradualmente, sentiu-se inundada pelo oceano de realidade e aguardou paciente o moroso fluxo de veículos seguir seu caminho. Cada automóvel transportava histórias tão parecidas e, não obstante, tão diferentes, todavia, quem se importava?

O caminhão sumiu.

A ambulância desapareceu.

O engarrafamento não diminuiu.

Mauro resmungava entre os dentes, todo impaciência.

A custo, deixaram a ponte e tomaram rumo pela Av. Cruzeiro do Sul, paralelamente a linha do metrô Norte-Sul. Devagar, alguns semáforos a frente, alcançaram a altura da Av. Zaki Narchi e seguiram por ela por mais algum tempo até, finalmente, chegarem ao subúrbio onde moravam, em um dos vários edifícios de apartamento numa das estreitas ruas de altos e baixos da Vila Constança. Ruas e travessas eram tão semelhantes umas às outras quanto parecidas eram as frustrações e os sonhos não realizados de seus moradores face a realidade urbana, opressiva e onipresente.

- Até que enfim! - resmungou Mauro após terminar de estacionar no subsolo.

Subiram pelo elevador velho e barulhento junto a outros inquilinos igualmente exaustos.

Mesmos rostos.

Mesmos desânimos.

Mesmos suspiros cansados.

Faltando poucos andares para o seu, viram-se sozinhos.

Mariana observou sua própria imagem no espelho manchado. Recordou-se de um tempo na adolescência, entre livros de mistério e episódios de Kolchak e os Demônios da Noite, quando fantasiava que o seu reflexo não seria ela própria, somente uma imagem, mas uma outra pessoa em um outro mundo ou dimensão, vivendo uma realidade paralela a sua onde tudo seria invertido: ela canhota e a "outra" destra, e assim por diante. Divertia-se escrevendo palíndromos no papel e colocando-os diante do espelho para confirmar que a sua leitura seria a mesma, apesar de certas letras ao contrário.

"A grama é amarga", pensou, recordando-se de um deles.

Agora, ao mirar seu outro "eu", a brincadeira não pareceu tão engraçada. E se, de repente, seu reflexo saísse do espelho e tentasse agarrá-la? Quebrou o silêncio:

- Na caverna... Aquela que se assemelhava a mim estava suja. - A "outra" também abriu os lábios, imitando-a. Evitou aquele olhar. - Sua pele era mais morena, bronzeada de

sol, eu acho; os músculos, mais rijos. Mas era eu...

- Ah, isso de novo? - disse, desinteressado, afrouxando a gravata.
- Faz algum tempo que você tem tido esses pesadelos.

- Foi desde...

- Precisa voltar à terapia. Tem tomado os tranquilizantes?

- Será que um psiquiatra ajudará? Você já teve um sonho persistente noite após noite?

- Já tive sonhos parecidos - respondeu, dando de ombros. - Estar voando, por exemplo, ou desesperado atrás de um banheiro, mas sempre com alguém por perto...

- Mas uma noite atrás da outra? Esse mundo primitivo me persegue. Não sei por quê. E, no carro, foi mais real do que das vezes anteriores. Pela primeira vez, vi detalhes do semblante de alguém. Justamente dela... De mim! E havia medo, muito medo em seus olhos. E havia um garotinho com ela. Seu filho, suponho...

- Filho? Um filho nosso? É... foi sonho de fato, Mariana - retrucou Mauro de um jeito debochado, pois ela, em razão de miomas, passara por uma histerectomia havia um ano. - Deixe disso. Pronto, chegamos ao nosso andar. Vamos tomar uma ducha, comer alguma coisa e deitar. Foi um dia bastante cheio. Amanhã terei que brigar com mais advogados.

A mulher resmungou qualquer coisa ininteligível, saindo na frente a passos duros.

Mauro fitou o teto e exalou o ar dos pulmões.

"'Foi' não... Está sendo um dia bastante cheio", corrigiu-se.

No velho espelho, seu reflexo concordou.

Quando encontravam-se a alguns passos da porta do apartamento, Mariana estacou. Ficou momentaneamente paralisada como se tivesse levado um choque elétrico.

- Isso! - exclamou, eufórica.

"Lá vamos nós de novo", pensou Mauro, reunindo suas derradeiras forças, chave na mão.

- "Isso"?

- Comecei a ter esses sonhos desde aquela madrugada, quando acordei, lembra?

- Hã, deixa eu ver... Está se referindo ao tal "disco voador"?

- Sim! Eu vi da janela. Queria que você tivesse visto também.

- As três da madrugada? Fala sério. Nenhum marciano teria me feito abrir os olhos!

- Foi um OVNI.

- Disco voador, marcianos, venusianos, gente de outro planeta, certo?

Ele não queria discutir, sinceramente. Só desejava entrar no apartamento, tomar um banho e relaxar. Quem sabe, assistir a um filme bem cretino apenas para não ter

o que pensar. Só isso. Não pensar era bom. Não pensar era esquecer. Seria pedir muito?

Mariana, no corredor do edifício, virou-se para ele, injuriada.

- OVNI quer dizer "Objeto Voador Não Identificado". Não identificado, entende? Ou seja, não sei dizer o que era. Não tinha a forma de disco. Não posso dizer se era de Marte porque não vi nenhuma placa grudada na coisa dizendo: Made in Mars. Nem se era de Vênus pelo mesmo motivo. E, se fossem marcianos ou venusianos, deixariam de ser "não identificados". Se fosse um pássaro enorme, refletindo a luz de um holofote, continuaria a ser um OVNI para mim, pois eu não saberia que se tratava de uma ave. Se alguém atirasse um sapato e eu não soubesse que era isso, tampouco deixaria de ser um OVNI. Só sei que nunca vi algo assim: redondo, enorme e muito, muito brilhante... Um brilho azulado. E flutuou em silêncio até sua luz se tornar ofuscante. Então, desapareceu.

- Mais alguém viu?

- Não que eu saiba.

- Sei... Não poderia ser sonho? - perguntou, tilintando o molho de chaves.

- Isso de novo? Não foi sonho. Alguma coisa me despertou naquela noite. Acho que foi a coisa brilhante. Só sei que, depois daquilo, passei a ter essas visões esquisitas durante o sono... Eu vi!

- Chega! Baixe a voz, Mariana. Marque uma consulta num terapeuta amanhã. Ele deve ter alguma resposta.

Entraram no apartamento.

- Será?

- Eu é que não tenho.

Ela não insistiu. Podia entender o lado do marido. Os problemas que ele vinha enfrentando no trabalho e de um modo geral desde que chegara do interior quinze anos atrás. O estresse da cidade grande. Quem estaria interessado em OVNI's além dos fanáticos pelo assunto? Ela que não iria procurá-los assim como não iria atrás de caça-fantasmas se escutasse ruídos dentro da parede. Era o século vinte e um! Embora imersa em seu tempo até o último fio de cabelo, Mariana sentia que, no futuro, sua época seria vista como uma espécie de nova Idade Média chafurdando em contrastes, uma estranha mistura de conhecimento e ignorância, Ciência e misticismo, franqueza e hipocrisia, moralismo e safadeza. Um período de excesso de informações ao lado de uma imensa falta de formação, para não dizer deformação. A quem recorreria?

Todavia, Mauro também podia ser cego e surdo feito uma porta, e isso em nada ajudava. Não precisava acreditar. Somente uma frase de apoio seria melhor do que qualquer medicamento.

"O que eu menos preciso é de um psiquiatra, terapeuta, psicólogo ou raios parta observando-me feito um bichinho de laboratório, enfiando-me minhocas na cabeça. OVNI's e mulheres da Idade da Pedra? Iriam me presentear com um pullover de mangas bem compridas atadas às costas, isso sim."

Contar a seus pais?

Decerto opinariam por trazer um padre para ela se confessar.

Não iria dar certo.

Segundo Mariana, ela imaginava Deus lá no céu, de saco cheio, esbravejando qualquer coisa como: "Eu já dei tudo pra vocês - Tudo! -, inclusive o livre arbítrio. E o que vocês fizeram? Transformaram tudo numa @#%&! E ainda têm o disparate de virem até mim mendigar milagres?"

Sentia-se em um beco sem saída, desamparada.

"Estarei perdendo os parafusos?"

Mauro e Mariana terminaram o dia sem trocar maiores palavras.

Filmes e programas cretinos pululavam na televisão, cretinos demais até para uma passada de olhos.

A imagem da caverna, daquela gente em andrajos e, em particular, da mulher selvagem que era o reflexo de Mariana em outro contexto, perturbava-a. Ficou se perguntando o que a noite reservaria para si. Nova

jornada para o outro lado do espelho? Sentiu-se apreensiva, personagem de um conto de suspense cujo fim desconhecia.

Como Mariana poderia saber?

Sua intuição levava-a mais perto da verdade do que algum dia ousaria sonhar; uma verdade que, de tão inacreditável, jamais compreenderia.

Pois fora escrito no livro do destino em sua caligrafia constante e irretocável: sobre a ponte da realidade, dois Universos, dois mundos, dois tempos, tornaram-se tênues por alguns momentos e as margens do rio da existência por pouco não se tocaram.

Da próxima vez... quem poderia dizer?

Já na cama, Mauro caiu em sono profundo rapidamente.

Mariana ao seu lado sentiu-se subitamente só. Deixando-se tomar pela escuridão da noite, recordou-se de um tempo quando havia ternura e cumplicidade entre os dois; quando, apesar de todos os pesares, o mundo era maravilhoso, recheado de pequeninas aventuras, novidades e descobertas. O simples era precioso e o complicado não tinha vez.

Os dois conheceram-se e passaram a namorar enquanto estudavam num cursinho pré-vestibular. Desfrutavam de prazeres simples: dividir saquinhos de pipoca comprados do velho Seu Bernardo no intervalo, ficar num cantinho da

escola imaginando o futuro, compartilhar uma pizza "brotinho" na lanchonete na esquina, trocar olhares provocantes enquanto estudavam. Nos finais de semana, passeavam pela feira de artesanato na Praça da Liberdade e xeretavam as inúmeras barraquinhas. Lá, Mauro adquiria moedas antigas ou estrangeiras de um senhor de meia-idade. Chegara a formar uma bela coleção, parte da qual, agora, ocupava dois álbuns pequenos, amarrados com barbante e quase esquecidos no fundo de um armário. Entre suas preciosidades, contavam três moedas de zinco da Alemanha nazista. Uma delas estava bastante amassada e, embora um colecionador sério não fosse dar um níquel sequer por ela - talvez pela maioria das peças da coleção, a bem da verdade -, para Mauro era bastante valiosa devido ao momento histórico na qual fora cunhada, por fazer refletir sobre as pessoas que teriam-na manuseado e o que teria acontecido para ela estar daquele jeito. Fazia bem a Mariana observar-lhe o semblante contemplativo, enquanto rodava a pequena moeda entre o indicador e o polegar na tentativa de capturar vislumbres da História.

Onde foram parar aqueles momentos valiosos? Foram atados a um barbante e enterrados dentro do armário?

O silêncio da noite e o ressonar de Mauro ao seu lado foram sua resposta.

Suspirou e enxugou no lençol uma lágrima solitária, repreendendo-se.

Mariana resistiu o mais que pôde, mas o cansaço também cobrou dela o seu tributo. Pouco antes de adormecer, acariciando de leve a nuca do marido, murmurou um último palíndromo:

- Amar dá drama...

4 - MULTIVERSO

Cinco mil tripulantes translúcidos esparramados no interior do globo flutuavam ao redor do ciclotron interdimensional feito um enxame em torno da rainha. Mãos e dedos bailavam no ar em ritmos variados, tocando instrumentos diáfanos, transmitindo comandos invisíveis. Pé, pernas e expressões faciais também desempenhavam o seu papel. Marionetes de um mundo onde, para outros olhos, fantasia e realidade tornaram-se uma coisa só. Todos sabiam dos enormes riscos. Flertavam em tempo integral contra energias muito adiante de qualquer escala. Centenas pereceram pelo caminho. De vez em quando, algum deles ainda era sugado pelo vórtice. Transformava-se em um fio unidimensional, uma espiral de comprimento infinito. Era o preço a

ser pago pelo descuido de ultrapassar o horizonte de eventos. Isso era morrer para sempre, se houvesse um "sempre" para além dessa vida: uma pétala a cair sem jamais tocar o solo. Mas, de tudo isso, nada se comparava ao que ocorreria, caso o que precisava ser feito não o fosse. Em sua lógica aritmética, consideravam o preço de uma única vida, uma dezena, uma centena ou um milhar aceitável. O fracasso seria, literalmente, o fim de tudo. O que significaria um milhão de almas diante dessa abominável perspectiva?

A esfera azulada flutuava centenas de quilômetros acima da superfície do terceiro planeta. Seus contornos tremulavam feito uma miragem sob o efeito da brisa solar. Temporariamente, tornara-se uma segunda lua. Entretanto, "tempo" constituía-se só uma das variáveis envolvidas na equação.

Era um anacronismo.

Era uma aberração.

Era um intruso.

O cientista flutuou depressa em direção à câmara.

A névoa dissipara-se em uma porção de redemoinhos e fagulhas.

Terminais foram recolhidos.

Ilieva tossia enquanto tentava se erguer. Cada vez que o fazia, os seios intumescidos e muito brancos estremeciam. Enrijecidos, os mamilos - normalmente tão pálidos quanto o restante da tez - tornaram-se róseos.

O corpo nu era um amálgama de fragilidade e erotismo até para os olhares mais esforçados em fazer cumprir os rigores da lei.

- Como ela está? - indagou o homem de branco para a entidade não-humana.

A ginóide - uma réplica cinza-metálico de silueta de mulher em três dimensões - respondeu:

- Piora a cada contato. Não obstante, ainda está bem.

Ela não possuía um rosto para se expressar: nada de olhos, nariz, boca, orelhas, cabelos, todavia, a entonação de sua voz denotava preocupação.

O cientista segurou a mulher pelos ombros indiferente aos olhares. Nesse momento, percebeu, ela estava tão fria quanto as mãos dele; a pele, completamente arrepiada. Sacudiu-a delicadamente.

- Ilieva! Ilieva!

O processo de transferência drenava não somente o ciclotron: espremia as gotas de vitalidade do passageiro a partir dos próprios átomos.

Ela levou algum tempo até responder. Seus lábios tremiam.

- Es-estou aqui... Estou bem... Pelas estrelas!

Dever-se-ia aguardar alguns instantes até ela se recuperar, contudo, a impaciência e urgência eram enormes. O sentimento geral de apreensão era uma massa viscosa,

densa e palpável, um atoleiro onde sentiam-se afundar cada vez mais e mais.. Quase podia-se escutar o triturar das partículas subatômicas no centro do globo. O monstro indomável batia e arranhava as paredes de sua jaula eletromagnética.

- Como é que foi? Os clones dimensionais... Entrou em contato com eles... com elas?

- Elas? Sim... elas. Foi inacreditável. Outra dimensão, outro mundo, outro eu... Incrível!

- Mas... Conseguiu?

Ilieva tinha dificuldade em respirar. As mãos translúcidas tremiam. Os pensamentos galopavam nas pradarias da consciência. Sentia uma névoa diante dos olhos, qual aquela neblina que, havia pouco, vestira o seu corpo. Falou, enfim:

- Estou conseguindo... As peças de dominó ficaram em pé, se é essa a metáfora que quer saber. Se todas irão cair na ordem correta após a primeira...

O cientista pôde ler a impaciência na fisionomia daqueles mais próximos, embora disfarçassem em seus movimentos no vazio.

- Conte-me exatamente o que aconteceu.

- Primeiro...

Ele anuiu.

- Sim... água.

Após saciar a sede, Ilieva contou:

- O mais difícil foi coordenar as cenas de outro espaço-tempo.

- Sim, entendo. Como se não bastasse lidar com mais de três dimensões.

- E a vontade de perguntar ao invés de somente responder.

- As barreiras são maiores. Só por tê-las ultrapassado constituiu-se um feito sem precedentes.

- Foi pena... Tão pouco tempo!

- Mas conte-me, Ilieva. Diga-me em detalhes o que houve.

Estranho como minúcias insignificantes poderiam assumir contornos de maior importância. E a primeira coisa que veio à mente da mulher foi:

- Elas murmuraram durante o sono.

- Sono? E o que disseram?

A mulher inspirou fundo antes de prosseguir.

- Pois bem, vou falar... Dê-me mais um pouco d' água.

Os elos no Multiverso poderiam secar a alma de alguém.

E Ilieva sentia-se drenada. Era um deserto clamando por um oásis e, quando o encontrara, escapara-lhe entre os dedos feito grãos de areia. Isso era o vazio.

- Ah! - acrescentou, fazendo o homem de branco voltar-se. - Depois, explique-me o significado da palavra Kolchak...

De todos os enigmas do Multiverso, esse mostrou-se o mais

relevante no momento; porque ela sabia: a noite pertencia aos demônios.

5 - AZORA E ILIEVA

A madrugada avançara progressivamente sobre montanhas e florestas. Não tardaria muito para a luminosidade do Sol tingir o horizonte numa mortalha escarlate. Por ora, ainda havia uma abundância de estrelas frias cintilando no firmamento. Em meio ao clima de espera, o silêncio ainda predominava pesado e frio, e, no interior da caverna, todos adormeciam um sono de espíritos fugazes...

... Quase todos.

Azora sentia-se apreensiva, exausta. O rosto continuava a doer e estava quente, porém, não era isso o que a preocupava. Levou ambas as mãos ao peito, tocando as presas de javali. Observou Athal adormecido ao seu lado. Era um sono inquieto, pois ele balbuciava frases entrecortadas e ininteligíveis. Às vezes, suas mãos se moviam. "O mundo dos espíritos", pensou ela, indagando-se pela milionésima vez o que realmente seria esse estranho mundo, apesar de, agora, não se sentir interessada em qualquer resposta. Só almejava a paz de seu próprio espírito e a do filho. A tênue chama da fogueira fazia as sombras brincarem sobre o rosto do garoto.

"Garoto..."

Esboçou um sorriso amargo.

Athal, seu pequeno Athal, não gostava mais de ser tratado feito criança, embora tolerasse esse tipo de afeto por parte da mãe. Esforçava-se ao extremo por parecer maior e aprender tudo o quanto fosse possível para se tornar um bom caçador. Tornara-se um exímio lascador e polidor de pedras. Desde a morte do pai, sentira-se na obrigação de cuidar dela e assim, simultaneamente, procurar disfarçar a dor da perda. Azora recordou-se do companheiro. Sabia da saudade do menino e de como, nessa altura da vida, precisava do pai desesperadamente a fim de prepará-lo para os enormes obstáculos da vida. Seu atual instrutor era um bom homem, todavia, tinha a sua própria prole para cuidar e ensinar. E, por mais que, para ela, Athal continuasse a ser o seu bebê, estava ciente de que não demoraria a ter de escolher uma companheira para o jovem. Ah, o tempo passara tão depressa! Em breve, teria de lidar com a dor de mais uma perda.

"Se eu conseguir viver até lá."

Ora as mãos pequenas de Athal se abriam e se fechavam, ora sua expressão modificava-se da serenidade para uma carranca. "Em qual lugar estará?", perguntou-se Azora, acariciando-lhe os cabelos. Esperava que não fosse naquele de seus pesadelos, suas criaturas ruidosas e o odor pútrido no ar. E que

o filho se esquecesse logo de tudo, pouco após o despertar.

As pálpebras da mulher pesavam feito uma pedra atirada a um lago, todavia, receava adormecer novamente. Durante o sono era quando a boca do mundo dos espíritos se escancarava, as criaturas de pesadelo saíam e vinham atormentá-la. Ela não queria encontrar aquelas bestas brilhantes outra vez. Nem o seu fantasma pálido no ventre de uma das criaturas. A história não poderia repetir-se. Além do pavor, se isso tornasse a acontecer, tinha certeza de que seria morta antes mesmo de conseguir acordar. O líder do clã prometera isso. Miolos fervidos com peixe, fora o que dissera a velha. Como o espírito de Azora encontraria paz dessa maneira? Paz? O que seria de Athal? Provavelmente, matariam-no também a fim de destruir uma linhagem considerada ruim.

Ela continuou a resistir, sob a quietude da noite, o ressonar dos membros do clã, o som dos insetos, o monótono crepitar da fogueira em seu leito de cinzas. E as fagulhas subiam e subiam no ar frio e parado, sobre o bruxulear pachorrento das chamas.

- O fogo... O fogo...

Era hipnótico.

As pálpebras em pedra cerravam-se devagar e levavam cada vez mais tempo a abrir.

Mais e mais pesadas...

... para o fundo do lago.

- O... fogo...

"Não posso dormir!"

Mas as pálpebras tinham vontade própria.

"Não... posso... dormir..."

- Fo... go...

O lago de águas escuras, profundas, terminando no leito macio, lodoso e grudento de onde seu espírito em pedra não poderia emergir. Estar lá era silencioso, era envolvente, era seguro, era sem memórias. Tão bom...

Porém, tão de repente quanto a primeira rajada de vento a anunciar o inverno, sentiu farpas de gelo percorrerem o seu corpo. Não aparentavam vir do exterior... Não. Vinham da direção oposta, das entranhas escuras da garganta de pedra, do inacessível ventre da terra. O tremeluzir da chama confirmou. Como poderia ser isso? Pensou no interior da caverna. Nunca se aventurara mais além, nas suas profundezas. A metáfora com uma garganta não era somente ilustrativa para ela. Sempre imaginara-se na bocarra de algum animal gigantesco. Alguns homens diziam ser o fundo da caverna uma outra passagem - além dos sonhos propriamente - para o mundo dos espíritos. Outros alimentavam a convicção de ser o lar de criaturas maléficas que, de tão aterrorizantes, foram proibidas de sair de encontro à luz. Neilar, o velho

curandeiro, era uma dessas raras pessoas a aventurarem-se na região proibida, realizando cerimônias obscuras, sacrifícios de animais e pinturas nas paredes sob a luz de archotes. Partilhava a crença de, na escuridão e no silêncio quase absolutos, poder ouvir as divindades e, às vezes, até os mortos. Parte de seu poder era oriundo não só de seus conhecimentos sobre ervas, mas do temor cego que sabia incutir sobre os outros, inclusive no próprio líder. Contudo, havia um determinado trecho da caverna a partir do qual até mesmo Neilar não ousava ultrapassar: era onde a chama morria e a escuridão tornava-se eterna. Talvez o próprio xamã temesse ser capturados pelos seres das trevas e nunca mais retornar.

A caverna respirava.

O frio aumentou.

Azora sentiu seu corpo todo arrepiar-se e trouxe o cobertor de peles mais junto de si, tanto devido a queda de temperatura quanto para buscar instintivamente uma proteção inútil e infantil.

De repente, a estranha brisa desapareceu.

O frio persistiu.

O tempo parou.

E, então...

... Fez-se luz.

Surgiu de lá do fundo e foi crescendo, crescendo...
Aproximando-se.

Era brilhante.

Era redondo.

Era azul.

Azora arregalou os olhos imediatamente.

Adormecera?

A boca do mundo dos espíritos se abriu?

Não.

Ela lia o medo em sua própria respiração. Podia jurar por todas as entidades da natureza: estava acordada. E isso não era um alívio. Observou as paredes irregulares da caverna tremeluzirem à fraca luminosidade da fogueira, as sombras, as rochas, as colunas e as estalactites, diferentes formações de um tempo em que a umidade infiltrara-se nela. Ouviu o guincho solitário de um morcego e o roncar inquieto dos membros do clã. Sentiu os odores de corpos, incluindo o seu e de Athal. Sim, estava desperta. Então, o que seria aquilo? Uma divindade materializada? Um espírito das profundezas? Um demônio?

Estranhamente, ninguém incomodou-se pela presença daquela luz. Nem mesmo os cães perceberam, embora um deles começasse a farejar o ar, pressentindo algo incomum, todavia, não se dando conta da misteriosa claridade. Um deus possuía esse poder, não possuía? Deixar-se ver somente a quem ele permitia ser visto.

Mas... Por que ela?

Azora cedeu a vontade de seu corpo e fechou os olhos. Não queria ver. Não desejava saber. Já se sentia apavorada demais por tudo o que vinha acontecendo desde o outro clarão no matagal. O que fariam os outros membros do Clã do Tigre se soubessem disso agora? Seria morte certa.

- Vá embora! - murmurou.

Porém, sequer os olhos fechados foram o suficiente para ela deixar de perceber a luz.

- Vá embora... - implorou.

Sem pensar, Azora juntou ambas as mãos e apertou uma contra a outra, entrelaçando os dedos. Talvez tenha inaugurado o gesto que, milhares de anos depois, seria um dos mais utilizados durante a prece. Não era a sua intenção. Ela só pretendia fazer suas mãos pararem de tremer. Mas não pararam.

A luz persistiu.

Assustada, tornou a fitar aquilo e, instintivamente, abraçou Athal. Este resmungou algo, mas continuou dormindo.

Agora, a luz adquirira contornos distintos, perceptíveis.

Azora ficou boquiaberta.

Era uma forma humana, uma mulher. E flutuava.

Azora moveu-se bruscamente, afastando sua coberta de peles. Athal, por sua vez, devia ter parado de sonhar: respirava calma e regularmente. Por que ele não

despertava? Como ninguém mais acordara? A luminosidade tornara-se tão intensa quanto o raiar do dia! E, ainda assim, ela percebeu naqueles contornos de luz um rosto extremamente branco - o seu próprio rosto -, muito mais pálido do que a sua outra imagem dentro do monstro reluzente, como se a própria carne da atual figura fosse feita de luz.

"Deve ser assim a forma daqueles que já se foram", refletiu uma Azora amedrontada. "Mas eu não fui!... Fui? Ou será o próprio espírito da morte que veio me buscar?"

O cão inquieto, mas sem nada ver - não parecia sequer dar-se conta da agitação da mulher -, encolheu-se amedrontado e foi refugiar-se junto aos outros animais.

Azora agarrou-se ao filho, tanto para protegê-lo quanto para sentir-se protegida.

Em resposta, aquele espírito ou divindade aproximou-se lentamente, mais e mais. Flutuava a altura de uma lança do solo. Mirava diretamente os assustados olhos de Azora. A fisionomia espectral mostrava-se sem espanto, sem temor, sem raiva. Sorria.

Ao contrário das criaturas de metal, dos penhascos de mil olhos e de seu alter ego devorado, o sentimento emanado por aquele ser de luz foi o de ternura, algo que Azora não estava habituada. Havia candura naquele semblante, compaixão e

simpatia. Uma onda de calor - não, não calor, mas aconchego - ondulava do espírito e envolvia a mulher primitiva. Isso acalmou Azora, diluiu a tensão em seu corpo, apesar do coração prosseguir disparado.

Repentinamente, o ser de luz chamou a atenção de Azora através do aceno de ambas as mãos. Ao conseguir seu intento, aquelas mãos delicadas tremularam feito uma miragem, os braços abriram-se, e, no momento seguinte, surgiu outra imagem entre elas.

Era uma cena.

Azora fitou-a fascinada.

Via-se uma floresta. Havia algo de familiar nela, naquelas montanhas ao longe e o rio sinuoso entre elas. E o rochado com formato de carranca...

"A Pedra do Ancião!"

Então, para o seu mudo assombro, avistou entre as árvores o companheiro falecido.

Mal conseguiu reprimir um grito e quase derrubou Athal ao tombar para trás.

Que feitiçaria poderosa era aquela? Seria uma abertura para o mundo dos espíritos?

Sequer Neilar, em toda a sua soberba, era capaz de algo semelhante. No máximo, dizia enxergar coisas no interior da fumaça, algo que apenas ele via e salientava não estar disponível ao olhar dos comuns.

Nesse cenário ora exibido, o companheiro de Azora estava vivo, vigoroso e sério; furtivo em meio à vegetação, arco e flecha em punho, espreitando sua caça, um antílope. Era um bom caçador e provedor de alimento para a família e todo o clã.

Aquelas montanhas eram as montanhas por trás de onde o Sol surgia.

O rio era o rio mais abaixo onde, distante, havia a tribo hostil que, um dia, assassinara o único irmão de Azora. E a família atravessara a tormenta da fome.

Sim, era o seu mundo dentro do mundo dos espíritos.

Azora sentiu-se hipnotizada por aquelas imagens. Embora fosse acostumada à brutalidade de seu mundo, lágrimas emergiram dos cantos dos olhos. As batidas aceleradas de seu coração fizeram-se doer no frio da madrugada. Ergueu a mão direita num impulso de puxar o amado para o lado de cá ou de querer mergulhar naquele cenário de sonho para junto dele. Pensou de chacoalhar Athal para que também pudesse rever o pai. Hesitou. Que benefício poderia trazer para seu filho a mistura de alegria e sofrimento que estava sentindo?

Refletiu:

"Que loucura é essa? Será de fato um espírito benéfico ou surgiu para torturar-me através dos espinhos da memória?"

Sim, memória. Algo dentro de si disse-lhe ser aquilo uma visão do passado.

Em resposta, de súbito, naquela cena de caça, Azora assistiu ao tumulto.

Arbustos esvoaçaram. Algo grande e peludo saltou e atacou traiçoeiramente o seu companheiro.

O antílope fugiu alarmado.

Azora gritou a plenos pulmões dessa vez:

- NÃÃÃOOO!

Garras dilaceraram as costas dele repetidas vezes.

- Pare!

Azora levantou-se, lágrimas nos olhos. Apanhou sua lança e avançou. Fincou a lança na imagem, contudo, nada havia lá para ser atingido. A arma estocou o vazio repetidamente.

O tremor retomara o seu corpo.

A agitação dominava a sua alma.

O desespero agarrara-lhe o coração.

O espírito de luz acenou-lhe para que se acalmasse.

Não obteve sucesso dessa vez.

As imagens se sucederam.

As mãos de Azora estavam crispadas num esforço inútil. Sequer deu-se conta de que o Clã do Tigre permanecia imóvel, apesar do berro que soltara. Toda sua atenção estava presa àquela cena do passado.

Sem poder reagir, os olhos de seu companheiro arregalaram-se

numa mistura de dor, medo e, por fim... reconhecimento. Ele, assim como Azora, viu o seu atacante.

A mulher parou de brandir a lança. Estacou, pasma.

Era o líder do clã.

Ambos os semblantes - dela e do companheiro - foram tomados pelo choque.

O líder cobria-se de uma pele de urso negro e, em suas mãos, duas armas em forma de garras subiam e baixavam furiosamente, rasgando o corpo daquele conforme Azora vira no funeral. Antes de poder reagir ou balbuciar o que quer que fosse, o homem ferido caiu e morreu, lábios espumando, mãos estremecendo. Havia incredulidade estampada em seu rosto. E a pergunta.

Por quê?

Azora também queria saber.

Por quê?

Depois, o arbusto voltou a balançar e surgiu um outro homem. Um velho. O rosto pintado de várias cores e as plumas não davam margem à dúvida: era Neilar, o curandeiro. O líder entregou-lhes as garras envenenadas e, em seguida, a pele de urso. Cuidadosamente, Neilar embrulhou as garras na pele e sumiu no meio do mato a fim de livrar-se das provas.

A mulher embasbacada voltou seu rosto na direção onde o clã dormia. Sobre uma saliência mais elevada na rocha, o líder ressonava,

cercado por suas mulheres e filhos. Depois, Azora procurou por Neilar. Estava só, mais ao fundo, em meio às suas ervas ressequidas, tinturas, jarros de argila, penas, chocalhos e o crânio da fera. Ele era perito em venenos. "Por quê?", repetiu para si a pergunta, sentindo o calor da indignação e do ódio subir-lhe as faces. Os nós de seus dedos ficaram brancos de tanto apertar o cabo da lança. Seu único alívio foi não haver despertado o filho, sem pensar ao certo se teria conseguido.

Um lampejo no canto dos olhos fez sua atenção retornar ao espírito de luz.

Uma outra cena.

- O que virá agora? - perguntou, o fascínio e o interesse esvaídos diante do sofrimento.

Entre as mãos translúcidas, Azora viu a si própria como uma mulher mais velha, grisalha e enrugada. Ao seu lado, um homem forte, ostentando os adornos de um chefe de clã e, ainda, seus brincos de dentes de porco selvagem: Athal. Ele, seu filho, um futuro líder!

Sem dar-lhe tempo de pensar, o cenário foi substituído por outro.

Agora, um Athal garoto e o restante do clã estavam adormecidos. A Azora da imagem, não mais velha, observava a entrada da caverna, onde uma luz azulada em forma de mulher - o espírito de luz - afastava-se até desaparecer em direção às estrelas.

Em seguida, apesar da euforia, ela abaixou-se junto ao filho, colocou sua lança de lado e caiu em sono profundo. Momentos depois, quando faltava pouco para o Sol brotar no horizonte, Neilar levantou-se. Sorrateiramente, foi até o líder, fazendo-o despertar. Cada qual empunhando suas lanças aproximaram-se de mãe e filho. Azora estava quieta dessa vez e, se sonhava, não era com nada que perturbasse o sono alheio. Ainda assim, os dois homens ergueram suas armas e os mataram.

Azora tornou a gritar. Fitou a criatura de luz. Esta devolveu-lhe o olhar, semblante sério, balançando a cabeça. Pareceu-lhe dizer: "Compreende?" Depois, flutuou silenciosamente para a entrada da caverna, repetindo uma cena que Azora acabara de testemunhar. Teve um sobressalto. Se Athal iria tornar-se líder algum dia, como poderia ter sido morto - ser morto, será morto - pelo atual líder e seu cúmplice? O que aquelas visões significavam? Passado. Presente. Futuro... Possíveis futuros. O que Athal poderia se tornar. A morte que poderia ocorrer em breve tão logo Azora cerrasse os olhos e dormisse profundamente sob pálpebras de pedra.

"Não!"

Ela entendeu.

Havia dois caminhos.

A escolha seria sua.

E assim o fez.

Cautelosamente, olhos e ouvidos atentos, decidiu-se. Sentia-se esgotada. Todo o seu corpo implorava por repouso. Não, ela não podia ceder. Levou uns minutos para habituar-se novamente a fraca claridade da fogueira. Lembrou-se de perguntar o porquê dos outros não terem despertado. Ainda pareciam de algum modo paralisados, inclusive seu filho, Athal.

Muito conveniente.

Seria agora ou nunca mais.

Principiou a atravessar a caverna em direção ao líder, lança em punho. Porém, num lampejo, mudou de idéia. Foi na direção de Neilar. O ancião respirava profundamente. Trajava suas vestes cerimoniais. Ao lado, via-se um novo adereço sendo preparado: um elmo de couro e chifres de búfalo. Evitando olhar no interior mais profundo da caverna, Azora retirou-lhe a adaga de sílex da bainha de couro. Sentiu vontade de cortar-lhe a garganta. "Desgraçado!" Em vez disso, apanhou outros de seus objetos pessoais: uma pulseira de dentes, um pequeno pilão, uns minerais coloridos.

Depois, na ponta dos pés, caminhou-se por entre as pessoas até o líder e suas mulheres. Ali estava o homem responsável pela morte de seu companheiro, a quem se dizia amigo. Não fora um urso. O companheiro de Azora fora um bom

caçador, uma provável ameaça à liderança, razão de seu assassinato. Ela, sem perder mais tempo - e na reserva de suas energias -, deixou sua lança de lado, apanhou a adaga e, utilizando-se de ambas as mãos, cravou a lâmina logo abaixo do queixo do líder. O corpo enorme estremeceu e o sangue quente jorrou saliência abaixo.

Azora suspirou.

Deixando a prova do crime encravada na garganta do cadáver, espalhou os pertences do curandeiro ao redor do morto. Depois, reunindo suas últimas forças, apanhou a lança e, apoiando-se nesta, retornou para junto do filho. Por fim, sem conseguir mais resistir, adormeceu imediatamente.

Neilar acordou quando a claridade do Sol começava a infiltrar-se na caverna.

Da fogueira, restavam somente cinzas e um punhadinho de brasas.

Pensou casualmente na necessidade de apanhar algumas delas e colocá-las num ninho de musgo seco. Manter as brasas vivas poupava-lhe um trabalho enorme em vez de iniciar o fogo do zero todos os dias. Mas, agora, isso teria de esperar.

Apanhou sua lança enfeitada de plumas, bocejou e, conforme o combinado, caminhou até a plataforma do líder. Aquele garoto, Athal, andava muito empenhado em aprender a caçar e a fazer fogo.

Tornara-se, pois, uma dupla ameaça, um estorvo a ser eliminado. O xamã sorriu consigo. As visões de Azora pouparam trabalho. Ela e o filho poderiam ser mortos abertamente sem a explícita aprovação do clã.

Neilar ruminava esses pensamentos. Já próximo ao líder, viu horrorizado a trilha de sangue. Gritou;

- ZORGAL!

Era o nome do deus da desgraça, responsável pela peste e pela fome, transformado em interjeição diante de situações horríveis.

Algumas mulheres acordaram. Berraram histericamente diante do sangue, ecos reverberando por toda a caverna. Instantes após, todo o clã estava de pé, alvoroçado.

Azora, ainda tonta de sono, apoiou-se num dos cotovelos. A cabeça doía demais, todavia, seu espírito estava tão leve quanto o vento.

Athal sobressaltou-se.

- O quê está acontecendo?

Sentiu as mãos da mãe sobre seus ombros.

- Acalme-se, meu pequeno Athal.

- Mas o quê houve?

- Apenas veja.

Um dos homens arrancou a adaga cerimonial da garganta do líder. A maioria reconheceu-a de imediato, bem como aos objetos

persoais do curandeiro. Neilar levou a mão para a bainha vazia sem compreender. A conclusão não tardou, embora o sangue já houvesse coagulado. Os protestos do curandeiro foram ignorados, assim como suas invocações. Os espíritos não iriam auxiliá-lo dessa vez. Em verdade, eles aguardavam-no. Foi selvagememente morto por sua própria adaga e pelo ataque dos demais, inclusive das mulheres do líder, ansiosas por vingança. Somente o instrutor de Athal - e as crianças chorosas, a quem chamou ao seu redor - não participou da matança. O que restara do corpo do velho foi atirado para além do cercado de espinhos para deleite dos cães e dos abutres. Seus miolos não foram aproveitados. Seus bens foram rapidamente pilhados. Discussões acaloradas seguiram-se misturados ao desespero das mulheres.

As mãos de Azora relaxaram.

Havia êxtase em seus olhos.

Voltou a deitar-se.

- O quê aconteceu? - repetiu o menino, ainda tenso, sem compreender.

Azora sorriu para ele, e sentindo as pálpebras caírem feito uma cortina de chumbo, murmurou:

- Finalmente, poderemos dormir... - Mirou uma das pulseiras de conchas. - E o seu pai também.

Athal deitou-se ao seu lado. Havia dúvida e desconfiança em

seus olhos, contudo, nada falou. Limitou-se a sentir um misto de frustração e alívio: fora dispensado de cumprir o seu juramento. Porém, doravante, precisaria redobrar seus esforços em aprender a fazer fogo. A seu tempo, isso e a sua habilidade na caça iriam fazer dele um líder do Clã do Tigre.

Por ora, a intuição sussurou a Azora que nunca mais seria atormentada pelo mundo dos espíritos e seus monstros de olhos de fogo. E Athal cresceria. Isso era muito mais do que ela poderia desejar.

Haveria paz.

6 - MARIANA E ILIEVA

A noite estava fria, tão fria como deveria ter sido a primeira noite do mundo antes de conhecer o calor das estrelas.

Mariana, sob três cobertores, pressentiu a luz através das frestas da janela antes de sequer ter consciência de haver ultrapassado a tênue fronteira entre o sono e o despertar.

- Diacho... - resmungou, levando a mão aos olhos.

Sim, vinha do lado de fora, da janela do quarto.

O que seria?

Sentindo-se sonâmbula, atordoada, saiu da cama. Tateou atrás de seu penhoar sobre uma cadeira, vestindo-o. Entretanto, não achou o

par de chinelos. Praguejou casualmente: deveria tê-los chutado para debaixo da cama sem querer, como de hábito. Foi em direção à janela onde a luz intensa fatiava a escuridão. Seu corpo todo arrepiou-se imediatamente. O contato gelado dos pés contra o piso disseram-lhe não estar sonhando, ainda assim, seus pensamentos confusos boiavam no ar gelado da madrugada sem vontade própria, divididos entre a curiosidade e o desejo de voltar a dormir.

Devagar, destravou o trinco e abriu a janela.

Imediatamente, Mariana sentiu-se inundada de luz.

O quarto todo iluminou-se num clarão azulado.

- Maurooo! - chamou, ainda magoada.

Não houve reação do marido.

Intrigada, voltou-se para ele.

Mauro continuava na mesma posição, em sono profundo, como se nada estivesse acontecendo.

- Acorde!

Como conseguia dormir com tamanha claridade em seu rosto?

"E sou eu quem anda chapada?"

Apesar de, normalmente, ter o sono leve, naquele momento sequer um terremoto poderia despertá-lo. Todavia, não havia maneira de Mariana saber disso.

Ela recuou, enquanto dava espaço àquela forma luminosa que

penetrava em seu apartamento. Sua vista habituou-se a claridade que, por sua vez, tornou-se menos intensa. Engoliu em seco. Ficou embasbacada. Não, não era a sua imagem em um contexto pré-histórico, mas viu a si própria como uma espécie de anjo. Coincidência? Mas não estava sonhando agora... Estava? Não poderia ser descrita de outra maneira: sim, era um anjo banhado em luz como se esta brotasse de dentro de si.

Translúcida.

Magnífica.

Serena.

Nua.

Suas asas eram asas de luz. Contudo, Mariana nunca fora dada a religiosidade, no que - desde que se lembrava por gente - era recriminada pelos pais tradicionalistas. Tida por ovelha negra, sequer se unira na igreja através dos sagrados laços do matrimônio, mas tão somente cumprira as formalidades legais no cartório, o que, francamente, achara um saco.

- Ainda que eu casei, em vez de ir morar junto - retrucara ao casal idoso.

Ao menos tiveram a discrição - ou prudência - de não lhe perguntarem sobre a virgindade. A natureza carola dos velhos teria um treco!

Mas, se aquilo não era um anjo, o que seria?

Mariana recordou-se vagamente da visão que tivera do OVNI. Fora naquela mesma janela, também de madrugada: uma esfera de luz a desfilas sem ruído por trás dos edifícios, devagar a princípio para, em seguida, disparar às alturas feito um raio em uma manobra impossível. A tonalidade era semelhante. Haveria uma conexão? Tinha de haver. Seria um alienígena que assumira a sua forma? Isso soava tão ridículo quanto era enorme o seu medo. Mas, por quê?

"Se for um extraterrestre, deixará de ser um OVNI...", pensou aterrorizada em meio ao torpor e, francamente, um tanto surpresa, pois sempre torcera o nariz para os adoradores de discos voadores. Só podia ser castigo, uma piada... Made in... onde? Não sabia se ria, berrava ou chorava. Qual o propósito? Abdução? Por que ela? Por que aquela coisa estava nua? Lembrou-se do cartão de visitas afixado pelos cientistas da NASA naquelas duas sondas, as primeiras a abandonar o sistema solar. Na época, a imprensa fizera um estardalhaço. Havia uma placa com o desenho de um casal pelado nele, não havia? Seria essa a resposta do destinatário: uma extraterrestre lésbica?

Mariana quis correr para a sala e percebeu não ser mais dona de seus movimentos.

Raio paralisante? Era um dos clichês mais estapafúrdios da ficção científica.

"Abdução!"

Nutria antipatia por esse jargão tanto quanto por "contatos imediatos" e, agora, parecia prestes a ser vítima de ambos.

Fez menção de gritar. Tampouco a garganta obedeceu.

"Mauro, seu sabujo, acorde! Alguém! Onde está aquela vizinha bisbilhoteira, agora que eu preciso? Devo fazer o gesto de boa vontade daquele orelhudo... 'Vida longa e próspera'?"

Gritar, rir, chorar.

Alternativa a); b) ou c)?

NDA.

Estava em choque.

Como se fosse a protagonista de um filme de ficção científica "B" de quinta categoria, foi envolvida pela luz azulada. Sentiu seus pés desligarem-se do piso ao mesmo tempo em que a sensação de frio desaparecia. Forçou-se a reconhecer: não era desagradável. Em pleno ar, inclinou-se pouco a pouco para trás e flutuou até assumir uma posição horizontal a semelhança de uma assistente em um espetáculo de mágica. Porém, não havia nenhum sujeito de capa e cartola por perto, somente Mariana e seu enigmático reflexo. E ela foi lentamente puxada de volta a sua cama, ficando alguns palmos acima do colchão.

O reflexo de luz - anjo ou alienígena - aproximou-se. Sorria.

"Está rindo do quê, sua piranha?", quis dizer na cara da outra. De certa forma, xingá-la devolveia um pouco da sanidade à Mariana. O vulgar contra o extraordinário. "Vai me fazer um exame médico?", perguntou-se Mariana em seguida, apavorada, pois esse era outro procedimento clichê que ela assistira em um programa de auditório na TV ou lera a respeito em alguma revista de assuntos obscuros quanto ao comportamento dos supostos extraterrestres, perdendo ultimamente somente para o desenho de círculos nas plantações - como se inteligências alienígenas oriundas de outras estrelas fossem incapazes de métodos mais inteligentes para se comunicar. Tentou se mover. Nada. Olhou para o lado, para baixo.

"Mas que droga, Mauro. Ajude-me!"

A figura luminosa encontrava-se tão próxima a ponto de Mariana sentir o roçar das pontas dos cabelos dela em suas faces. Lembavam fibras ópticas, mas muito mais finas e leves. Percebeu detalhes daquele rosto. Os traços eram os seus, todavia, a tez aparentava ter a delicadeza de papel de arroz. Os lábios eram descorados e os olhos, grandes e vivazes, traziam no fundo um brilho que Mariana identificou como sendo melancolia. Ou seria cansaço? Apesar disso, a

outra tornou a sorrir, acariciando-lhe o queixo. E, um tanto a contragosto, Mariana quase sentiu um princípio de empatia por ela. Mas o pavor do desconhecido bloqueou qualquer sentimento de afinidade diante daquele semblante - seu pálido semblante do outro lado do espelho, do tempo, de outro Universo. A seguir, a criatura levou as próprias mãos sob as vestes de Mariana, deslizou-as sobre suas pernas, tocou-lhe os joelhos e separou-os; prosseguiu pelas coxas, até alcançar-lhe o ventre. Era um toque quente e macio. E as mãos passaram a mover-se em círculos. Depois subiram. Os seios de ambas se roçaram. O anjo de luz posicionara-se também na horizontal, paralelamente a Mariana. Mamilos enrijeceram. A contragosto, Mariana sentiu um calor brotar-lhe a partir da virilha. A seguir, algo foi soprado sobre o seu rosto. Era uma névoa rosada e milhares de pequeninas estrelas cintilavam dentro dela.

A dormência chegou de mansinho.

Era morna.

Era viscosa.

Era deliciosa.

Era bem-vinda.

Não houve um repicar de sinos, tampouco um coro de igreja.

Tudo se apagou sob uma cortina translúcida e um sorriso gentil.

Mariana só veio a despertar horas mais tarde, mediante os protestos do marido.

- Que gelo, Mariana! Que idéia foi essa?

O marido estava em pé, fechando a janela ruidosamente. Retornou apressado para o abraço dos três cobertores. Só conseguia pensar em pneumonia, espirro e nariz fungando.

Mariana não respondeu. Manteve o olhar fixo no teto. Não sabia dizer quanto tempo havia se passado desde a sua visão, alucinação ou delírio, porém, a considerar-se a claridade emergente do lado de fora, deveria ter sido pelo menos duas horas.

"Aconteceu?"

Procurou lembrar o ocorrido, misto de sonho e temor. E, agora, também de esperança. A luz azul do lado de fora. O céu sem estrelas. O clarão. Seu reflexo branco feito vela. Até a pinta que tinha na bochecha direita parecia replicada na face da outra, embora desbotada. O flutuar sobre a cama. Suas pernas se abrindo... Vagarosamente, apalpou o próprio corpo sob as cobertas. Sentiu-se úmida.

"Aconteceu?"

Todavia, a imagem que se manteve impressa em sua mente não foi a do brilho intenso e nem de sua gêmea vestida de luz tocando-a intimamente. - As mãos de Mariana

detiveram-se sobre a barriga. - Era uma imagem além da realidade, ou, quiçá, de uma outra realidade: num dado momento viu a si própria e ao marido, juntos. Sim, os dois. Não estavam em seu apartamento. As paredes eram mais amplas e afastadas, de um branco imaculado. Encontrava-se deitada, rodeada por pessoas trajadas de branco. O rosto de Mauro, em pé ao seu lado, explodia de felicidade. E ela trazia junto de si, aninhada em seus braços...

"Sera possível?"

... um bebê.

"Um bebê!"

Quase podia sentir agora aquele corpo pequenino em seus braços, a mãozinha tão frágil quanto uma pétala a segurar o indicador dela e o cheiro - cheiro de bebê - ainda impregnava suas narinas. Aquela horrorosamente linda carinha de joelho. E ela - sim, ela, pois Mariana teve certeza de ser uma menina - bocejou.

"Aconteceu?"

"Aconteceu!"

"Meu Deus..."

Não, não era uma mulher religiosa - Longe disso! -, todavia, nesse momento, sentiu-se - na falta de um termo mais apropriado e por mais que relutasse - abençoada. Tornou a acariciar seu ventre sob os cobertores. Não foi... Não podia ter sido um sonho. Entretanto, não havia

nada ao seu redor para confirmar ou desmentir a história, exceto a sua umidade. Deveria contar para Mauro? Se o fizesse, aí sim iria interná-la de vez. Uma camisa-de-força seria pouco. Ouviu as primeiras buzinadas do lado de fora, no raiar de um novo dia sobre a cidade corroída. Não, não quis pensar sobre isso, o trânsito, o trabalho, os queixumes.

A mulher de luz.

O reflexo trântslúcido.

O anjo...

... Sim, anjo.

Foi tomada por algo, um sentido de urgência.

O calor renasceu mais forte de baixo para cima.

Decidida, suas mãos foram em direção ao corpo do marido. Em vez de um abraço, alcançaram a porção onde ele era mais sensível.

Mauro protestou.

- Ei, o que é isso? Daqui a pouco precisaremos levantar. Vamos aproveitar essa meia horinha para descansar mais um pouco...

As mãos dela tornarem-se mais impetuosas, enérgicas, lascivas. Colou seus lábios à boca dele sem se importar por nenhum dos dois ter ainda escovado os dentes. Suas línguas se encontraram. Em seguida, mordiscou-lhe a orelha. Tornou a beijá-lo. Protestos sem tanta convicção foram sufocados. Ela estava ansiosa. O desejo aflorara. Ela era libido e entrega. Era premente.

Cheia de triunfo, percebeu em sua mão que a carícia surtira efeito: era quente, firme e pulsante. Montou no marido e, languidamente, sussurrou-lhe no ouvido:

- Descanso que nada...

Foi um alvorecer de gemidos e corpos suados apesar da friagem.

O prazer ruidoso, primitivo, natural.

A vizinha mexeriqueira teve bons motivos para mexericar.

Nem precisaria ser dito que o casal se atrasou, cada qual em seus respectivos trabalhos.

Mauro pouco se importou diante dos chiliques dos advogados no balcão.

Algum tempo depois, um teste simples confirmou a extraordinária notícia.

Mariana, sorrindo, não se mostrou de todo surpresa.

- Mas como? - indagou ele, abalado. - Você não tem úte...

- Isso importa?

Franzindo a testa, Mauro pronunciou o seu veredito. Tudo explicava sem nada explicar:

- Milagre.

Ela sorriu outra vez, abraçando-se a ele, e - por um motivo diferente daquele que o marido supôs - voltou seu olhar para o céu.

Para Mauro, Mariana nunca lhe pareceu tão linda.

Foram comemorar almoçando "brotinho" e fazendo compras na

feira da Liberdade como nos velhos tempos. Mauro ficou todo contente por encontrar uma moeda européia de bronze bastante escura devido à pátina e quase ilegível de tão gasta, mas era do século XVII. Mais de trezentos anos! Era horrível. Não custara muito. Ninguém queria. "Um pedaço de lata!", brincou Mariana. Todavia, para ele, representou um bônus, pequeno tesouro.

Para Mariana, entretanto, o verdadeiro tesouro estava, literalmente, dentro de si e no afeto renascido do marido. De vez em quando, punha-se a pensar nos eventos extraordinários pelos quais passara, seus "reflexos" de um passado remoto ou de um futuro distante, o que eles lhe ensinaram e a enxurrada de perguntas sem resposta em seu rastro. Decidiu anotar tudo em um caderno, cada pormenor e suas impressões pessoais sobre o ocorrido. Talvez algum dia mostrasse para Mauro ou entregasse a sua filha despretensiosamente, só para ver como reagiriam. Tornou-se menos intolerante em relação a ufólogos e religiosos, embora estivesse longe de se tornar uma adepta e julgasse ambos farinha do mesmo saco. "Deus e alienígenas são a vala comum de nossa ignorância, quando o raciocínio e a imaginação nos faltam", dizia a sua filosofice de cordel. Uma coisa de cada vez, ainda que não houvesse vez. Por ora - e sem

procurar soar hipócrita -, limitava-se a afagar seu ventre proeminente e murmurar agradecida:

- Made in God...

Somente a título de um desfecho a altura, seria pertinente acrescentar que, pouco tempo depois, Mauro foi chamado para assumir um cargo público no litoral. Prestara concurso havia quase quatro anos e a prorrogação do prazo de validade aproximava-se do fim. A essa altura, ele sequer lembrava-se mais de ter feito o concurso. Pareceu algo destinado - por mais que Mariana não fosse dada a superstições. Mas veio bem a calhar. Foi um feliz epílogo para o casal. Mauro não ficou livre de advogados, porém, alguns meses depois, o casal libertou-se da loucura da capital paulista para fazer vir à luz a primeira caçara da família.

Ele que aguentasse, agora, o blá-blá-blá de duas mulheres.

E, perto do oceano, havia tantas estrelas e tanto céu...

7 - FIM DA MISSÃO

O zumbido atordoante do ciclotron interdimensional calou-se paulatinamente. Deixou um eco prolongado no interior da gigantesca esfera.

Nuvens elétricas.

Fagulhas pipocavam.

Respirações descompassadas.

Membranas cauterizadas na tecitura de Universos.

Tripulantes enxameavam ao redor dos instrumentos e, principalmente, do leito de névoa e luz. Marionetes ensandecidos de uma colméia polvilhada por odores quânticos.

O homem de branco flutuou depressa em direção à câmara. Enquanto outros exalavam alívio, a expressão em seu rosto era indecifrável, sombria. Alguns diriam triste.

A câmara ainda emanava um brilho leitoso. Diluía-se paulatinamente, feito uma gota de tinta em um balde d'água. Ondas gravitacionais concêntricas expandiam-se a cada gota de táquions aglutinados sobre sua superfície. Tudo parecia correr em câmara lenta, por mais que "correr" e "câmera lenta" estivessem em franca oposição.

O azul predominava. Era a cor do tempo e do nascer do Universo. Fazia recordar as águas do Sith até o horizonte.

- Afastem-se! Afastem-se todos vocês! - gritou o cientista.

Ilieva sentia-se completamente exaurida.

A ginóide massageava-lhe o corpo nu delicadamente. Poder-se-ia dizer quase com ternura. Embora suas mãos - assim como tudo o mais - fossem de um tom grafite e

aparentassem a solidez do granito. Na verdade, eram da maciez de veludo e até mornas ao contato. Todavia, ninguém se enganava: se necessário, essas mesmas mãos poderiam erguer meia dúzia de homens ou esmigalhar um crânio tal qual se faria a uma casca de ovo.

A mulher translúcida desejou que esse momento durasse para sempre. Esforçou-se por ingerir água através de um canudo. A sede era imensa, porém, seu corpo custava a obedecer. Mal conseguiu sugar um gole do precioso líquido.

Precisou de muito tempo e da ajuda da ginóide para erguer seu torso. Sentiu as conexões se restabelecerem gradualmente até conseguir erguer o próprio braço. Observou a sua mão. Seria sua de fato? Os dedos movimentaram-se, mas sentia ser um objeto tão estranho quanto as mãos da ginóide em seus ombros.

Teria de fato tocado a sua alter ego?

Sentira o calor, tremor e temor em seu corpo?

Sentiu-se melancólica.

- Como foi? - perguntou o homem de branco. - Teve sucesso?

- Ela precisa repousar - protestou a ginóide.

O cientista ignorou a entidade não-humana.

- Como foi?

A princípio, Ilieva limitou-se a abrir e fechar a boca. A língua estava dormente. Levou a mão - aquela mão - até os lábios dando a impressão de querer puxar a voz de dentro de si. Parecia um peixe fora d'água atrás de oxigênio. Era tudo tão difícil. Procurou reorganizar seus pensamentos. Focar as idéias. A custo, inspirou e exalou o ar dos pulmões. Conseguiu movimentar a língua até o céu da boca. Havia uma secura em sua garganta. Colocou o canudo na boca e conseguiu engolir mais água dessa vez. Por fim, balbuciou:

- A-a-acredito... que sim. Si-sim... A mulher primitiva e o seu filho sobreviverão, sim, eles sobreviverão. E a esterilidade da outra foi reparada. Deixei isso claro a ela.

- Ótimo! Excelente trabalho, Ilieva - disse o cientista, todavia, não havia alegria em sua voz. E percebeu não haver um sentimento de vitória no olhar da mulher. - O que foi?

Ilieva observava o vazio.

- Foi inacreditável interagir com elas.

- Imagino.

- Não tenho irmãos. Foi como estar diante de minhas irmãs perdidas... Eram de um outro tempo, de uma outra dimensão, ainda assim...

O homem de branco anuiu.

- Você teve uma experiência única.

Ilieva tornou a beber. Sentiu-se melhor, mais dona de si. Havia um certo pesar em sua voz.

- Partes de mim ficaram para trás... Meu eu numa realidade alternativa. Pena eu não poder conhecê-las melhor e a seus mundos. Incrível! Agora, eu vou embora e, entre nós, restará um abismo... a um Universo de distância.

- Ter vencido todas as barreiras já foi um triunfo. A tecnologia envolvida. Todo o dispêndio de energia... e vidas. Alguns teóricos acreditavam que você iria se desintegrar em uma explosão de energia pura, como matéria abraçando a antimatéria. A partir disso, ter tido sucesso na missão foi absolutamente fantástico. Foi um privilégio não concedido a mais ninguém.

- "Privilégio"?

O cientista hesitou.

- Sim, Ilieva... privilégio. Agora, o fluxo seguirá o seu curso.

- Feito um rio... ou um oceano.

O homem de branco tentou sorrir.

- Não tão simples, porém, serve. Um dos descendentes de seu reflexo primitivo, centenas de gerações depois, será o responsável pela descoberta da ponte do Multiverso naquela realidade. E quanto a sua imagem especular daquele outro Universo corroído pela poluição, a tataraneta deterá o

responsável por iniciar a ruptura entre os Universos.

A mulher translúcida fez uma expressão de desagrado. Parecia tão simples criar rótulos. Os olhos focaram o homem perto de si. Falou:

- "Reflexo primitivo", "imagem especular", "clones dimensionais".... Nunca gostei dessas expressões.

O cientista deu de ombros. Pela milionésima vez perguntou-se por que razão Ilieva e suas inúmeras réplicas em outras dimensões tornaram-se a singularidade cujo destino estava não apenas intimamente entrelaçado, mas dele dependia o destino de todo o Universo. Não, mais, muito além, de todos os Universos: o Multiverso.

E isso tornava tudo tão trágico!

- Devemos muito a você. Devemos, literalmente, TUDO. O tudo e o todo.

- Se fosse uma questão de escolha...

- Estou ciente.

- ... eu daria prazerosamente essa notoriedade para outro.

O homem de branco falou num sussurro:

- Eu também.

Com a ajuda da ginóide, Ilieva conseguiu sair da câmara e pôs-se a flutuar ao lado desta e do homem de branco. O cientista acenou para a entidade não-humana e ela, relutante, afastou-se. A mulher agradeceu àquela, embora isso não fosse uma

atitude usual. "Ilieva sempre foi uma pessoa incomum", pensou o cientista, coração pesado dentro do peito. "Minha melhor aprendiz".

Os demais tripulantes, ultrapassada a etapa mais crítica, prosseguiram a movimentar braços e pernas, porém, em ritmo mais lento, relaxado. Até davam-se ao luxo de trocar brincadeiras entre si, sem, contudo, perder a atenção ao poderoso núcleo da esfera.

Uma sombra tocou o rosto de Ilieva.

- A incerteza continua a perseguir-me.

Ele mal escutou. Limitou-se a assentir, movendo a cabeça. Intimamente, perguntava-se: "Quantas versões de Ilieva existem para cumprir missões semelhantes ou serem alvos delas?" E tornou a indagar-se sobre quais seriam as aparências de seus próprios duplos nesses mundos paralelos. Estariam auxiliando os clones de Ilieva? Seriam bons? Seriam os vilões? Seriam também cientistas? Aborígenes? Lavadores de prato? Escritores? Vagabundos? Assassinos? Como seria estar diante de um deles e conversar, saber de sua vida, seus anseios, seu mundo? O cientista costumava dizer que, se tivesse um irmão gêmeo, iriam matar-se um ao outro. Teria sido uma maneira peculiar de pôr a prova tal teoria. E todos aqueles outros Universos! Ah, ele mal

conhecia uma partícula infinitesimal do seu próprio Universo. Tanto por aprender, tantas questões, milhares de dúvidas, intermináveis indagações. Entretanto, agora, somente uma questão importava:

"Por que ela, justamente ela?"

Mordeu o lábio inferior, movido pela angústia.

Ser o foco da singularidade tornara-a uma mulher inalcançável.

Ela não sabia. Tampouco deveria saber sobre os sentimentos dele.

O Cosmo era inimaginavelmente maior e mais complexo do que os primeiros humanos e quaisquer formas não-humanas em quaisquer dos Universos havia sonhado. Inexistia um palavra adequada para albergá-lo. Era composto por uma infinidade de bolhas incomensuráveis lado a lado a impulsionar a contínua e mútua expansão através da energia escura. Às vezes, de tão próximas, suas superfícies tocavam-se, comprimiam-se a nível subatômico e influenciavam-se mutuamente. E, de tão aglomeradas, essas bolhas formavam uma espécie de espuma, a espuma cósmica, constituída por milhares ou milhões de Universos entremeados, crescendo, cada qual com suas peculiaridades, nem todos férteis, nem todos estáveis, de vez em quando realizando permutas uns com os outros: trocas de energia, trocas de

matéria - que não passavam de pacotes de energia altamente condensada - e, até, trocas de vida. Interferiam-se em diferentes planos, entre as nove dimensões reveladas, acidental ou deliberadamente, gerando efeitos de maré que seriam tratados pelas infinitudes de consciências conforme suas crenças, temores, esperanças e conhecimentos.

O homem de branco deu-se conta do olhar fixo de Ilieva sobre si. Ficou embaraçado diante de sua própria transparência. Perguntou:

- O que foi?

- Você. Por um momento, pareceu estar muito longe daqui.

Ele balançou a cabeça, sentindo-se - como ela -, tomado pela melancolia.

- Eu estava, não estava? Só refletindo sobre a vida, o destino e tudo o que tem ocorrido. Como as coisas aconteceram e acontecem. E tudo o que existe por saber. Divagando apenas. Procure descansar agora. Terminou.

- Terminou?

- A sua missão, sim.

Os olhos delas tornaram-se apreensivos. Da sensação de vazio, um medo profundo fez-se brotar.

- Mas o fantasma...

- Fantasmas e assombrações não existem.

Ela interrompeu o seu flutuar na abóbada.

- Existem! - protestou.

- São apenas nomes inventados por nossos ancestrais para fingir explicar aquilo que não compreendiam. Tudo não passa de uma interação interdimensional. Você foi uma "fantasma" para as suas réplicas. Qual reação sua presença despertou nelas?

Ilieva baixou a cabeça.

- Pânico... Eu sei. Meu íntimo até os cromossomos sabem disso. Mas o meu lado obscuro reluta em aceitar. "Interação interdimensional" não passa de um eufemismo, uma tremenda simplificação. O "meu" fantasma é o terror personificado.

O coração acelerou no interior do corpo nu.

- Ilieva... Ela - o seu, digamos, "fantasma" - é você em uma outra realidade.

- Uma realidade horrível! Meu duplo que me persegue - disse aflita. - Por mais que eu racionalize, o medo de fechar os olhos só se compara ao de mantê-los abertos... Aquela forma escura visita-me durante a noite, espreitando. Não importa o que se diga. Não importa o quanto somos evoluídos e tecnologicamente avançados, criando vida artificial, viajando entre estrelas e Universos. Meu íntimo primitivo talhado nos genes não consegue racionalizar. É o pavor destilado: os sons vindos do nada, objetos se movendo sem motivo aparente, sons de passos ou vozes

horrorosas. A sensação de estar sendo observada. O frio crescente. E o vulto escuro, denso, no canto do aposento, no teto ou sob o leito, movendo-se, pulsando, aproximando-se... Nutre-se do calor, da luz, da vida e tudo o mais que lhe é contrário. Eu não suporto!

O homem de branco insistiu:

- Ela tem a sua própria missão...

- E por que não acaba logo com isso? Tem surgido diversas vezes. Essa expectativa está me matando!

- Descanse, Ilieva - repetiu o cientista. Encontravam-se próximos à superfície interna do globo e sua textura intrincada revelava milhares de compartimentos de diferentes tamanhos, formatos e funções. - Flutue até o seu alojamento. Vê? Lá está ele. Em breve, retornaremos ao nosso Universo, para casa... Descanse.

- Para casa... - repetiu a mulher num eco.

Sem pensar, delicadamente, ele tocou no rosto de Ilieva.

Um dos tripulantes, surgido não se sabe de onde, aproximou-se alarmado.

- O quê o senhor está fazendo? A lei...

- Medindo a temperatura dela - mentiu.

- Há os instrumentos e...

- Volte ao seu posto! - disse furioso, retirando, a contragosto, a mão do rosto de Ilieva.

A mulher, por seu turno, também fitou curiosa o rosto do cientista. O toque dele não a desagradou, assim como não desagradara a ela tocar em sua alter ego naquele quarto longínquo.

Ele retribuiu-lhe o olhar, totalmente esquecido do tal tripulante. Que importância tinha isso agora? A lei? Ora a lei! Maldita lei! Uma lei canalha, feita por canalhas, para atender canalhas. Vira os exemplos em mais de um povo, de uma nação, de um planeta, de um Universo. Pensou nas enormes conquistas científicas de sua civilização, nos avanços culturais, e, dessa enormidade, destacava-se uma nódoa de pequenez. Refletiu: "Quão estúpida é uma sociedade, em um Universo, cuja lei baniu a expressão de nossos sentimentos mais profundos, onde o amor é considerado uma abominação arcaica e a vida é apenas um número de uma aritmética atroz."

- Tornaremos a ver Sith, o nosso grande oceano?

- Eu quero acreditar que sim, Ilieva.

- Sinto saudades de lá, de nossas criaturas.

- Eu sei. Também sinto falta do murmúrio das ondas.

- E do nosso céu, de nossas luas e de nossas constelações...

Já diante do alojamento de Ilieva, o homem de branco desviou o

olhar. A tristeza tomou conta de seu coração e, após uma breve despedida, ele flutuou para longe dali, preso ao desespero de uma equação cuja resposta era somente uma e nada mais. E ele não tinha como alterá-la.

"Ilieva!"

A mulher observou-o partir até tornar-se um ponto e confundir-se ao pano de fundo da esfera. Hesitante, entrou em seu aposento. Emoções demais, acontecimentos demais e fraqueza demais para tantas perguntas sem fim. Desejou sonhar que mergulhava nas águas mornas ao lado dos seres de luz de sua infância. As praias de diamante. Os pássaros de vidro. O crepúsculo estrelado entre os anéis de seu planeta. Ela nunca deveria ter trocado aquele oceano pelo oceano do céu. Ah, sim, aprendera muito, ganhara muito, e, não obstante, o quanto fora perdido? Restaria algo de suas pegadas de criança sobre aquelas areias? Haveria um fragmento de sonho sobre os rochedos e as figuras que neles entalhara?

Entrou e flutuou até o seu leito. E, enquanto posicionava-se para dormir, pensou:

"Por vezes, achamo-nos gigantescas, fortes, rígidas e imponentes feito um penhasco a contemplar orgulhoso o horizonte além-mar. Então, de um modo suave, lânguido e quase imperceptível, surgem as ondas aos nossos pés,

reduzindo-nos paulatinamente às nossas mais profundas dimensões: grãos de areia a mercê, arrastados e passivos sob a correnteza."

E, mantendo essa reflexão em mente, devagar, ela cerrou a cortina sobre os olhos.

O imenso globo de luz tremeluziu feito miragem numa nuvem de plasma até desaparecer das proximidades do terceiro planeta.

O último dos dominós seria o primeiro a ser derrubado.

No caos da entropia seria restabelecida a ordem.

A gravidade repulsiva dos Universos.

A energia escura a expandir.

Cordas, quarks, átomos.

A vastidão do Todo.

E o tudo.

8 - ÚLTIMA PEÇA DO DOMINÓ

Foi despertada abruptamente de seu sono reparador. Sua intuição já lhe dizia estar o aposento totalmente às escuras antes de erguer as pálpebras.

Era um recinto simples, sem um mobiliário aparente, mas todas as suas funções encontravam-se ocultas nas paredes de cantos arredondados e projetavam-se para fora depedendo de determinados gestos ou palavras.

Ela estava melhor, embora ainda muito cansada. Sonhara com as águas do Sith a lambar seus

tornozelos e isso a fez se sentir bem. A sensação do vento em seu rosto. As gaivotas de quatro asas a planar rente as ondas. A enseada onde passou os primeiros - senão melhores - anos de sua vida. Lamentou haver acordado. Contudo, esse sentimento de bem-estar esvaiu-se imediatamente ao perceber o ar gelado e a forte impressão de não se encontrar sozinha.

- Quem? - teve coragem de perguntar.

Mas ela sabia quem - ou melhor, o quê -, por mais que não desejasse.

- Por que não diz logo o que pretende?

Ilieva, ao contrário de suas clones dimensionais, estava ciente do papel que cumprira como agente e do papel que deveria desempenhar enquanto paciente no desenrolar da cauterização dos Universos, não obstante ignorar os detalhes. Cada caso era um caso. Contudo, esse saber não tornava de forma alguma a coisa mais fácil. Encarar o desconhecido sempre fora um desafio aos instintos básicos. Precisaria aguardar o que viria a seguir, por mais que cada fibra de seu corpo implorasse por correr.

"O quê essa coisa fará?"

"Coisa?" Sim, o seu lado racional sabia ser aquilo uma outra versão de sua pessoa...

... Entretanto, o medo antigo, residual e persistente em suas células falava mais alto. Aflorou. Era a sua particular radiação cósmica de fundo. Contra toda a lógica, o terror do desconhecido tomou conta de si. Não queria ver nada. Tentou gritar por socorro, mas a voz, agora, faltou-lhe. Apesar das farpas glaciais, sentiu o suor brotar em sua testa e um tremor incontrolável apossar-se de seu corpo frágil e translúcido.

O desconhecido sempre foi e será o maior terror da mente humana.

O pavor sem forma a assumir a pior delas pela imaginação.

A adrenalina jorrando por todo sistema vascular.

O arrepio na nuca. Olhos arregalados.

Odores úmidos, nauseantes.

O observar na escuridão.

Para sempre disforme.

O horror mudo.

A fome.

"Está aqui, eu sei que está aqui!"

Encolheu-se toda. Não podia enxergar coisa alguma naquele negrume mais escuro e ameaçador do que um céu despojado de estrelas.

Tentou fazer o gesto para que as luzes emergissem das paredes na intensidade máxima. O comando não foi obedecido. Quis acionar o comunicador para chamar a atenção de quem quer que fosse: não funcionou.

Então...

"Está aqui!"

Pressentiu algo num canto mais além.

Embora estivesse completamente escuro, invisível, algo dentro de Ilieva sabia, roçava a sua alma, sussurrava-lhe. E havia um tom sinistro e malévolos naquela voz. Ela não queria ouvir. Queria voltar a dormir, a sonhar, retornar à praia de diamantes. Desejava despertar desse pesadelo real.

Por que a coisa não se revelava de uma vez, mostrava-se logo e exibia as tarefas que Ilieva necessitaria cumprir para pôr ordem ao caos do Multiverso? Por que aquele rodeio? Por que instilar-lhe um horror primal que a consumia completamente de dentro para fora? Sadismo? Era isso a sua missão?

"Ali!"

Algo se moveu.

Tinha certeza disso.

Ela não via e nem ouvia, porém, seu íntimo dizia.

Uma leve diferença na pressão do ar.

Se ao menos pudesse ver, saber, perceber seu rosto. Mas escuro assim.

Novamente, procurou acionar as luzes. Falhou.

Luz era vida.

Luz era alegria.

Luz era esperança.

Em inúmeras culturas, nada de bom fora associado às trevas.

O desespero dava coragem, a bravura de um animal que, em uma emboscada, não tinha mais para onde fugir. Pensou na imunda mulher pré-histórica e naquela outra de uma civilização em barbárie.

- Mostre-se! - conseguiu gritar em desafio.

Estava lá, assim como se fez presente em outras ocasiões, no fundo de seu ser e durante toda a sua vida: vigiando, aguardando, movendo-se insidiosamente nas sombras feito vermes a engalfinhar-se nas vísceras de um morto.

Ilieva reuniu todas as suas forças e tentou levantar-se para sair do aposento. O flutuador não funcionou, o que não a surpreendeu. Apoiou-se nos cotovelos e conseguiu se sentar sobre o leito.

"Fantasmas e assombrações não existem", dissera-lhe o cientista, aquele homem de tez belamente descorada, seu antigo mestre, cujo toque em seu rosto foi além da frieza profissional e o calor de seus olhos contradiziam o rigor de seus gestos. Ilieva desejou que ele estivesse ali junto dela agora, sentisse o que ela estava sentindo, então, perguntar-lhe-ia se ainda acreditava em suas próprias palavras.

O horror existia.

As lendas confirmavam.

Os pressentimentos sobreviviam.

As sombras cobriam o mundo numa aura de medo.

Os pavores de um pesadelo de criança tornaram-se reais.

"Eles persistem e existem no âmago de nossas almas, sob o leito, no fundo de armários, na quietude de cantos obscuros, no outro lado do espelho, no fundo de uma caverna... E fitam-nos nos olhos, sem possuírem olhos. Espremem nosso espírito. Nutrem-se de nosso terror feito as plantações sob a luz do sol."

Quantas vezes Ilieva, em criança, não fora perturbada por andróides e ginóides que, não obstante estarem desativados, aparentavam haver se movido, virado a cabeça sem rosto em sua direção?

E sobre as siluetas pairando no ar no final de corredores, vindo em sua direção, das quais eram visíveis somente da cintura para cima?

E os copos, vasos, livros e luminárias que tombavam sem haver a menor corrente de ar?

Para não mencionar a vozes, sim, vozes ásperas e truncadas, pouco mais que sussurros, mencionando seu nome sem haver viva alma nas proximidades?

Viva não...

O centro do Universo.

Um acaso em um trilhão.

Uma nova alteração no ar.

Ilieva teve o pressentimento de que a coisa avançava sobre ela. Escutou o som de algo arranhando as

paredes e um arremedo de respiração. Seu terror atingiu o clímax e, num impulso, conseguiu se erguer no leito e sentir os pés de encontro ao piso - a borda interna do globo de luz. Mas, quando estava prestes e correr para a porta, foi violentamente empurrada de volta. O ar foi expulso dos pulmões em uma nuvem de vapor condensado. Gemeu. Algo dolorosamente gelado prendeu seus braços. A atmosfera tornou-se mais densa. Sentiu um peso enorme sobre seu ventre. Teve certeza absoluta do mal que havia naquilo. Sempre suspeitara. Luz era vida. Mas não havia vida na escuridão, naquela escuridão pelo menos. Não conseguia respirar. Fez força para gritar, todavia, ainda que pudesse, um par de mãos invisíveis, rígidas, glaciais, alcançou sua garganta e principiou a apertá-la mais e mais.

Seus olhos arregalados nada viam.

Havia somente a escuridão de um céu sem estrelas.

Havia apenas o arfar gélido de um inverno não convidado.

A compreensão atingiu-a acima do pavor e mais forte do que o impacto que a atirara de volta á sua cama: não havia tarefa a cumprir, a coisa pretendia matá-la.

Através dos olhos da mente, Ilieva presenciou o rompimento da tecitura do espaço. Bilhões de estrelas e mundos incinerados, Universos

engolindo Universos, o freamento da expansão, matéria escura em colapso, sóis errantes, planetas inertes, fogo, gelo, ferro e rochas, buracos negros e brancos, antimatéria, civilizações sem fim. O caos absoluto. Vórtices de nada, tornando-se nada em meio a pulsações confusas de pura energia e as trevas arrebatadores de um frio extremo sobrepondo-se à luz ofuscante.

Armagedom.

Ragnarok.

O Fim.

Sentiu que o seu coração poderia explodir a qualquer momento.

Seu semblante era a mais pura manifestação do horror.

Ar... Ar! Todas as células de seu corpo clamavam por ar.

Suas mãos erguidas tateavam, tentando impedir o estrangulamento. Encontraram uma névoa densa ou substância viscosa de frio extremo e mais nada. Nada sólido.

E o som áspero, maligno e apavorante junto aos seus ouvidos.

Como o tormento de alguns minutos poderia se transformar em uma eternidade?

Agora, não fosse pela escuridão, Ilieva teria percebido naquela entidade os contornos menos indefinidos... e familiares. Contornos de uma mulher semelhantes aos seus.

Mas Ilieva era toda feita de pavor e insanidade.

O resquício de pensamento racional fugira-lhe por completo.

Desejou ser cega às cenas de final de tempo e espaço, o término de tudo.

Queria ver-se livre daquelas garras sobrenaturais em seu pescoço.

E o ar... E o ar!

Ela batia com os calcanhares no colchão. Seus braços brandiam o vazio. Seus quadris estavam presos sob um peso esmagador.

Tudo rodopiava a sua volta.

Ainda assim, no interior de sua mente, algo como uma voz fez-se ouvir. Diferente. O timbre era o de sua própria voz. Ecoou no interior de uma catedral deserta, um filete negro e gelado de comprimento infinito, uma nuvem de folhas secas revolteando numa casa vazia. E, enquanto deslizava para os braços da morte, Ilieva escutou o murmúrio seco da coisa dentro de seu cérebro:

"Eu lamento, lamento tanto! No seu caso, para o Multiverso existir, sua vida será extinta a fim de que não dê à luz àquele que será o principal responsável pela destruição dos mundos."

OVNIs.

Divindades.

Assombrações.

Desaparições misteriosas.

Lampejos fugazes do
Multiverso.

Verdade ou não, para Ilieva -
tornada o centro do Universo -, os
pesadelos, finalmente, estavam
prestes a terminar.

E o terror se foi para sempre.

Levando o frio de sua alma.

Restando apenas o alívio...

... de uma praia vazia.

Do nada ao nada.

Do pó ao pó.

Ainda que não fossem as águas
mornas do Sith, finalmente, ela
retornou para casa.

E, no corredor do lado de fora,
o cientista desabou no chão do globo
de luz e pôs-se a chorar.

- Ilieva! Ilieva!

Sim, mentira para ela. Sempre
soubera o motivo da mulher ser o
foco da ruptura.

Desde o princípio, a suavidade
daquele rosto estava perdida.

EPÍLOGO

(Et vincere tenebras lucem)

Entre o éter e a substância.

Inquietude sem forma de um
mundo disforme.

Imerso em trevas, qualquer
centelha era motivo de dor.

Do interior da Mãe Escuridão o
Povo das Sombras nutria-se da
ausência de luz.

Na languidez fria e profunda de
seu mundo, novamente, ela

lamentou-se em sua voz de friagem
de outono. A serenidade das trevas foi
novamente interrompida:

- Por quê? Por que tinha de ser
eu a escolhida?

Outra sombra, ainda paciente,
respondeu num gotejar de poço
abandonado:

- Restabelecidos foram os elos
da corrente. Tecido cauterizado. A
paz para os Universos retornou.

- Paz?... PAZ? Nessa existência
dividida, fui a portadora da morte.
Ceifei a pétala e a flor. Minhas mãos
tornaram-se infames! A centelha de
vida daqueles olhos ofuscavam-me.
Porém, vê-la apagar e ser a
responsável pelo sopro que deu fim
feriu-me muito mais. Foi como se eu
tivesse assassinado a mim mesma...

- Necessário foi.

Não havia consolo na noite
eterna.

- Ela era humana. As outras
eram humanas. E eu, continuo
humana?

- Não obstante os Universos e
nossa singular constituição, traços de
humanidade ainda carregamos.

- Humanidade? Humanos,
talvez; quanto a humanidade... algo
se perdeu no caminho. E ela, ela se
foi. Uma vida humana carrega dentro
de si todo um universo. Há um
universo espiritual, constituído do
acúmulo de experiências que se viveu
desde a primeira fagulha de
consciência em seus olhos, daquilo

que a pessoa sonhou, do que conseguiu realizar, o que amou, o que a entristeceu, sua percepção da fealdade e da beleza, aquilo que despertou em outras pessoas, o que sentiu através delas, seus critérios éticos e morais, suas atitudes mais ou menos deploráveis. Há também um lado físico: mais de dez trilhões de células - cerca de nove mil vezes mais que o número de estrelas de uma galáxia média - compõem o corpo humano. Isso representa 7 octilhões de átomos. Podendo gerar filhos e, por intermédio deles, netos, bisnetos, tataranetos através de incontáveis gerações, essa vida carrega dentro de si a capacidade de transmitir o seu legado, de gerar outros universos. A destruição de uma única vida, além da tragédia em si, traz num sentido mais profundo a destruição de um multiverso. Muito já se falou sobre o valor da vida humana, porém, na prática, maiores são os exemplos do quão pouco atribuímos a ela.

Novamente, a outra sombra ficou sem palavras. O quê poderia dizer?

E ela, na borda do abismo, de si para si, sentenciou:

- Eu fui deplorável. Minhas mãos carregarão para sempre o amargo da infâmia.

E a serenidade da Mãe Escuridão foi rompida pelas ondulações de duas vidas que, num breve momento, tocaram-se, tornaram-se uma e, por fim, restara somente a metade.

Destino.

Tristeza na infinitude.

Finitude de uma vida por milhões de vidas.

E o toque frio insinuou-se numa carícia indesejada sobre os fios da urdidura.

Frágeis notas de um réquiem antigo foram tocadas através do tecido da eternidade.

E, para aquela mulher feita de trevas do Povo das Sombras, assim como para um certo homem de branco em um outro Universo, a paz deixara de existir.

O pesadelo de ambos apenas começara...

... quando um universo teve fim.



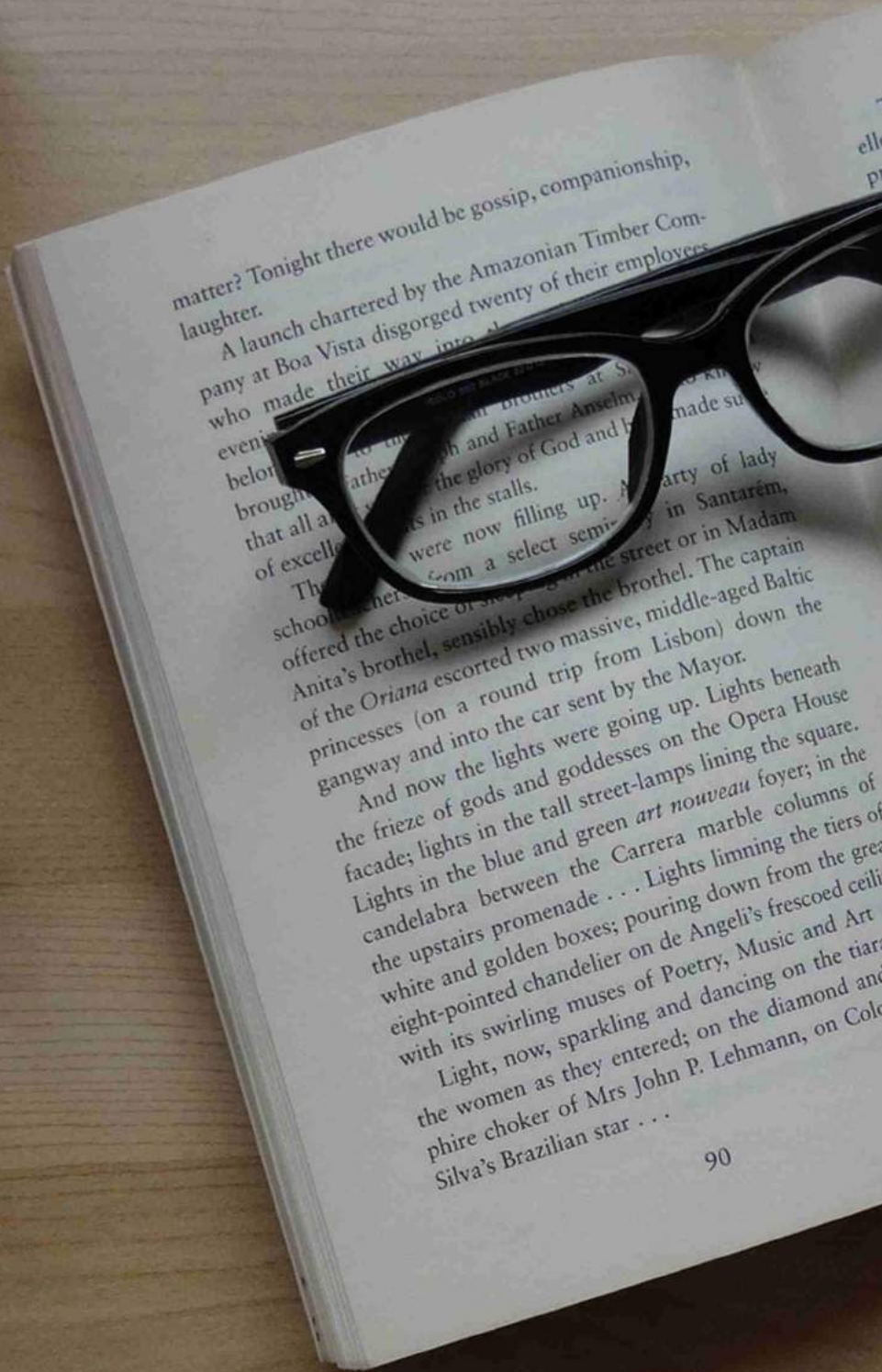
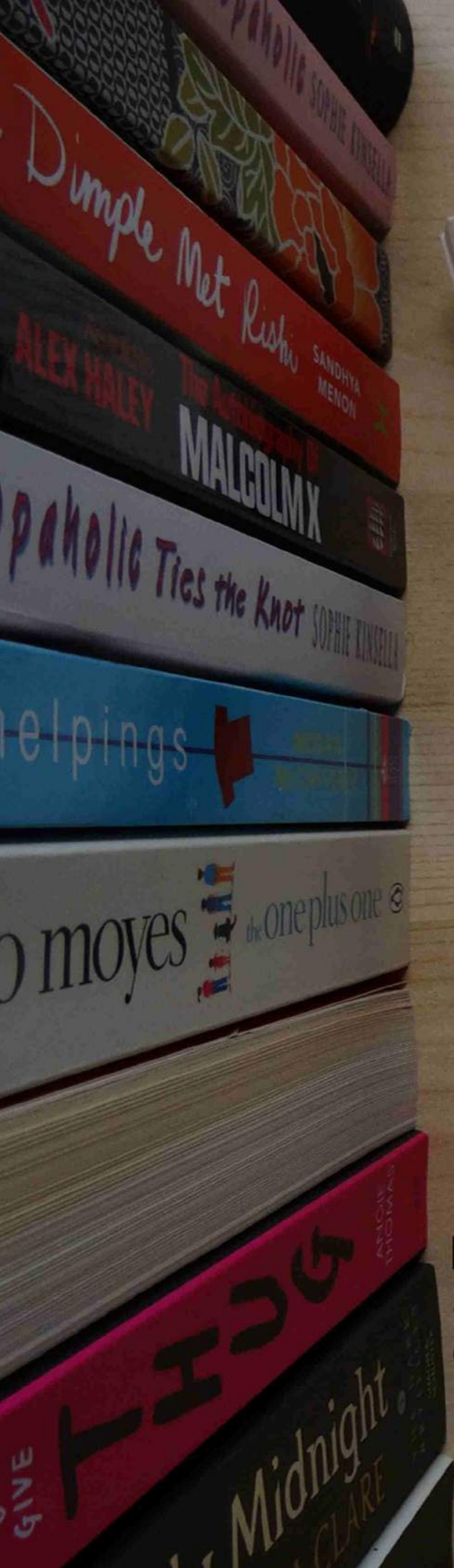
Roberto Schima nasceu na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora lhe parece muito distante. Passou a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Teve a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Autor de "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), entre outros. Participa da revista "Conexão Literatura" desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Clube de Autores, agBook, Amazon ou nos links abaixo:

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br.



NÃO FIQUE DE FORA

Saiba como anunciar ou publicar em nosso site ou próxima edição:

CLIQUE AQUI